

Reconciliação, sinal de amor



parábola do filho pródigo



Equipas de Nossa Senhora

Tema de Estudo 2018/19

ÍNDICE

Apresentação	3
Introdução	5
Capítulo 1 - O sentido cristão da liberdade	8
Capítulo 2 - A finalidade dos dons recebidos	17
Capítulo 3 - A crise como oportunidade de conversão	27
Capítulo 4 - Reconhecendo a nossa fragilidade	37
Capítulo 5 - A dor das nossas faltas	45
Capítulo 6 - Misericórdia e perdão, sinais de amor	54
Capítulo 7 - O sentido da justiça humana frente à justiça divina	63
Capítulo 8 - A alegria do reencontro	74
Capítulo 9 - Reunião de balanço	82
ANEXOS	87

Reconciliação, sinal de amor



APRESENTAÇÃO

Caros equipistas e conselheiros,

Este tema de estudo que disponibilizamos ao movimento, e que tem como título o mesmo lema do recente XII Encontro Internacional, “**RECONCILIAÇÃO, SINAL DE AMOR**”, faz eco dessa curta mas intensa semana onde pudemos viver a graça e o sentido profundo da nossa filiação divina, a sua gratuidade e sobretudo, a incomensurável misericórdia do Pai.

A parábola do Pai Misericordioso e do Filho Pródigo, na qual se baseia o tema, é talvez a mais comovedora das relatadas nos evangelhos, em particular no do Evangelista São Lucas, o único que a incluiu.

A história, que é simples e compreensível para qualquer leitor, é utilizada por Jesus para nos levar à profundidade espiritual do amor divino, que contrasta com as atitudes de todos os personagens e que nos leva a fazermos a nossa própria e encarnada reflexão na qual, sem dúvida, nos poderemos ver refletidos no espelho do seu enredo.

Ao longo dos 9 capítulos em que se organiza este tema, é o mesmo Pai do Céu, representado no pai da parábola, quem sai ao nosso encontro para entabular um diálogo pessoal, vivido no contexto da nossa realidade, das nossas alegrias e das nossas dores, como as que generosamente são partilhadas nos comovedores testemunhos que se incluem. O enriquecimento do pôr-em-comum suscitado nas reuniões da equipa, levar-nos-á a reconhecer e aceitar, as nossas fragilidades, a nossa condição de filhos amados. Claramente o disse a constituição dogmática sobre a revelação, **Dei Verbum**: “Nos livros sagrados, o Pai que está no céu sai amorosamente ao encontro de seus filhos para conversar com eles”.

Os leitores deste tema de estudo, preparado por uma equipa do Equador a quem expressamos a nossa gratidão, encontrarão o que o Papa Francisco nos convida a retomar: “a gramática da simplicidade, capaz de dar



calor ao coração da gente” levando-nos através dessa simplicidade e do discernimento em equipa, a alcançar grandes profundidades teológica e espiritual.

Para além da reflexão própria de cada capítulo, dos testemunhos de vida, e de algumas citações do catecismo e de documentos da Igreja, os autores incluíram um “tesouro escondido” para muitos equipistas: o texto de reflexão sobre a parábola do Filho Pródigo do Pe. Henri affarel.

Como referido na carta de envio do encontro de Fátima, nós membros das Equipas de Nossa Senhora, não somos perfeitos: este dom perfeito do movimento, o carisma da Espiritualidade Conjugal, é percorrido por nós, homens e mulheres imperfeitos que, pela adesão a esse dom, temos e manifestamos as nossas próprias forças mas também as nossas grandes fragilidades. Ao mesmo tempo que assumimos o papel missionário e salvífico a que a Igreja e o mundo nos chamam, o estudo deste tema ajudar-nos-á a assumir uma visão crítica e misericordiosa sobre as nossas próprias fragilidades que também precisam de ser curadas, experimentando a misericórdia do Pai, fazendo-nos assim discípulos com mais capacidade de perdoar e curar, porque apenas “Quem tenha experimentado a alegria, a paz e a liberdade interior que advém de se ser perdoado, pode abrir-se por sua vez à possibilidade de perdoar”.

Desejamo-vos um enriquecedor e frutífero caminho de reflexão.

EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL

Reconciliação, sinal de amor



INTRODUÇÃO

Lucas 15, 11-32

¹¹E prosseguiu: «Um certo homem tinha dois filhos. ¹²O mais novo pediu ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me pertence.” E o pai repartiu os bens pelos dois filhos. ¹³Poucos dias depois, o mais novo reuniu tudo o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou o que possuía. ¹⁴Depois de ter gasto tudo, e como houve muita fome naquela região, começou a ter necessidade. ¹⁵Foi pedir trabalho a um homem da região que o mandou para os seus campos guardar porcos. ¹⁶Desejava encher o estômago mesmo com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. ¹⁷Foi então que caiu em si e pensou: “Tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem e eu estou para aqui a morrer de fome! ¹⁸Vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: Pai, pequei contra Deus e contra ti. ¹⁹Já nem mereço ser teu filho, mas aceita-me como um dos teus trabalhadores.” ²⁰Levantou-se e voltou para o pai. Mas ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. ²¹O filho disse-lhe: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já nem mereço ser teu filho.” ²²Mas o pai ordenou logo aos empregados: “Tragam depressa o melhor fato e vistam-lho. Ponham-lhe também um anel no dedo e sandálias nos pés. ²³Tragam o bezerro mais gordo e matem-no. Vamos fazer um banquete, ²⁴porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa. ²⁵Ora o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, quando se aproximava de casa, ouviu a música e as danças. ²⁶Chamou um dos empregados e perguntou-lhe o que era aquilo. ²⁷E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou e o teu pai matou o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” ²⁸Ao ouvir isto, ficou zangado e nem queria entrar. O pai saiu para o convencer. ²⁹Mas ele respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido às tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito

para fazer uma festa com os meus amigos. ³⁰Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com prostitutas, e mataste logo o bezerro mais gordo.” ³¹“Meu filho”, respondeu-lhe, “tu estás sempre comigo e tudo o que eu tenho é teu, ³²mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e reapareceu.”»

Esta parábola do Evangelho de S. Lucas, conhecida como a parábola do “filho pródigo”, melhor deveria chamar-se do “bom pai” ou melhor ainda do “pai misericordioso e compassivo”. Poderia também ser conhecida como a parábola do “filho perdido”, já que a antecede outras duas que tratam de uma perda: “a da ovelha perdida” [Lc 15, 4-7] e a da “moeda perdida” [Lc 15, 8-10]. Independentemente da designação, foi qualificada como a obra mestre de todas as parábolas de Jesus, na qual o evangelista comenta situações que encerram variadas atitudes humanas e familiares, como a liberdade, a responsabilidade, a nostalgia, o retorno, a alegria, a festa, a reconciliação, a graça, etc., que são traços universais da vida.

Lucas, que escreve o evangelho dos marginalizados, dá uma chave para a interpretação com um tópico muito característico para ele, o perdão, representado no pai como símbolo do amor do próprio Deus, com uma misericórdia incondicional, aberta e ilimitada. Esta não se aplica só ao pecador (o filho menor), saindo em pessoa ao seu encontro, mas também ao filho maior, o crítico teimoso, obstinado em não querer compreender o seu amor. De qualquer modo, insiste em fazer entender a sua generosidade, sobretudo quando se trata de abrir de par em par as portas do reino a um pecador que decide voltar para Ele.

Ao longo dos nove capítulos do tema, divide-se a parábola em tópicos que consideramos de reflexão profunda para o crescimento espiritual, tanto individual, como em casal e em equipa. No capítulo um aborda-se o sentido cristão da liberdade; no capítulo dois, a finalidade dos dons recebidos; o terceiro apresenta a crise como oportunidade de conversão; no quarto reconhece-se a nossa fragilidade; o capítulo cinco trata da dor das nossas faltas; o sexto aborda a misericórdia e o perdão como sinais de amor; no sétimo compara-se o sentido da justiça humana perante a justiça divina; no capítulo oito, mudando intencionalmente a ordem dos versículos, foca-se o tema da alegria do reencontro; o último capítulo conclui o tema de estudo com a reunião balanço.



Como novidade, os testemunhos de vida, que generosamente dois casais do Movimento nos fizeram a honra de compartilhar, são apresentados em trechos nos 8 primeiros capítulos, que narram as suas experiências e sentimentos, relacionados com o tema de estudo. De igual modo, o texto do Pe. Caffarel sobre o filho pródigo, *“Lefils prodigue”*, é transcrito, quase na totalidade, ao longo dos 9 capítulos, coincidindo como tópico de cada um deles.

A organização de cada capítulo segue a estrutura geral dos temas de estudo das ENS. Compreende cinco partes, sendo as quatro primeiras de trabalho mensal do casal, e a quinta para a reunião de equipa. Durante o mês cada casal disporá de textos para Escuta da Palavra, para a apresentação do capítulo, de reflexão, e orientações para a oração e o diálogo. Disporá também de pistas e directrizes para a reunião de equipa. Cada capítulo disponibiliza um anexo de referências bibliográficas para quem deseja aprofundar o tema.

Damos graças a Deus por termos sido chamados a servir e a amar mais através da preparação deste tema.

A equipa redatora

CAPÍTULO 1

Reconciliação, sinal de amor

O SENTIDO CRISTÃO DA LIBERDADE

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.’ E o pai repartiu os bens entre os dois.”

Lc 15, 11-12

MEDITAÇÃO

No tempo de Jesus, a lei judaica estabelecia que, num caso como o da parábola, o primogénito receberia dois terços da herança e ao mais novo corresponderia um terço [Dt 21, 17], mas o benefício da herança competia ao pai, que podia estabelecer a repartição como e quando quisesse [Gl 4, 1-3].

O jovem da parábola, sem se importar com os costumes dos seus antepassados e com a dor que causava ao pai ao pedir-lhe a herança em vida, fazendo uso do seu livre arbítrio, despoja-se a si mesmo e à família de uma parte do seu meio de subsistência e de poder disfrutar da segurança do lar.

Este é um facto inaudito e contraditório face à tradição da época. A forma como solicita a sua herança para logo a seguir partir era equivalente a desejar a morte do pai¹.

O pai, certamente com uma dor profunda perante a atitude do filho mais novo, para quem a sua vida não era importante, respeita o seu desejo de liberdade e não só reparte a herança como também entrega livremente algo de que deveria beneficiar até à morte. Que grande decepção deverá ter significado o filho ter querido separar-se do vínculo familiar, decidir partir, deixando o calor e o amor da família sem se importar com as consequências. No entanto, o pai acede a dar-lhe essa liberdade solicitada, sem questionar as consequências, demonstrando assim um amor maior do que a dor de o ver partir.

O desejo de tornar realidade o direito à liberdade requer uma preparação para nos responsabilizarmos pelos atos que resultem de ter adquirido essa liberdade.

¹Nouwen, Henri, *El Regreso del Hijo pródigo*, 2011, PPC, Madrid, pág. 40.

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é o de refletir sobre o verdadeiro sentido da liberdade de tomar decisões fundamentais no nosso projeto de vida pessoal e conjugal.

Hoje em dia mente-se e confunde-se a humanidade com conceitos errados de liberdade, de dignidade humana e de verdade, abusando deles para induzir um individualismo, manipulando-os à vontade para obter interesses em benefício de alguns ou de ideologias políticas ou de grupos económicos poderosos. Os que pensam e atuam de acordo com princípios e valores cristãos, aceitam moral e universalmente, os que se despojam de paixões e discernem livremente as suas decisões na procura da verdade são, hoje em dia, lamentavelmente, uma minoria.

É que o discernimento espiritual é uma ferramenta que todo o cristão deve conhecer e usar permanentemente na sua vida. “Para Santo Inácio, o discernimento é um processo cuja finalidade é escolher, em oração, entre várias opções boas, a que melhor nos conduz ao serviço e ao louvor de Nosso Senhor e à nossa salvação. Discernir não é escolher entre o bem e o mal, mas sim entre o bom e o melhor”¹. As condições para um bom discernimento são: desejo sincero de seguir Jesus; alcançar a liberdade interior; cultivar uma vida de oração; e reconhecer a ação do espírito no consolo e na desolação².

No que se refere ao casal, é necessário ter presente que, desde o momento em que se casam, a sua vida já não é a mesma e que deverão, portanto, aprender a discernir sobre tudo o que se refere a comportamentos e decisões, respeitando sempre a liberdade do outro, mantendo assim a confiança que dá estabilidade à relação.

Se considerarmos como, na verdade, se desenvolve a liberdade dentro da vida conjugal, devemos começar por tomar consciência de que as decisões já não são apenas de um, mas sim que tudo passa a ser a dois, tudo terá de ser consensual, havendo, obviamente, ações que não serão, moralmente falando, tão importantes e que, portanto, não precisam de ser consultadas. Dentro da relação procura-se que ambos saibam partilhar os seus projetos ou desejos para se poderem alertar mutuamente quanto a algo que não seria uma boa decisão. Se emprendermos ações unilateralmente cometemos um ato de injustiça para com o outro, porque estamos a tirar proveito de algo que já não nos pertence na totalidade.

¹ Curso da Oficina Cardoner, modalidade semipresencial, Companhia de Jesus, Equador.

²Gustavo Calderón, S.J., do Colégio da Província Centro da SR Hispanoamérica das ENS, Bogotá, 29 de janeiro de 2016, pedia aos interessados em temas relacionados com o discernimento que escolhessem tópicos para, a partir daí, poder propor opções e subsequentes escolhas.

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

1.ª PARTE

Vou comentar-vos, pausadamente, uma passagem do Evangelho que conhecem muito bem. É que o Evangelho deve ser sempre lido como se fosse a primeira vez. Há sempre surpresas reservadas.

Esta é a passagem conhecida como a parábola do Filho Pródigo. Seria talvez melhor designá-la como “A parábola da generosidade do Pai”, “da misericórdia do Pai”. E gosto de ler esta passagem sob esta perspetiva. É Cristo que nos revela o que pensa do Pai. Tirando partido de todos os recursos da sua imaginação, uma vez que tem uma imaginação extraordinária, Cristo recorre a todo o seu engenho, aos seus dons de contador, para nos dizer o que lhe é mais querido.

Vamos procurar, ao ler esta parábola versículo a versículo, não divergir deste ponto de vista. Que permaneça interiormente em nós esta oração: “Senhor, faz com que compreenda um pouco, que veja um pouco da tua admiração e do teu amor ao Pai”.

É preciso termos a certeza de que Jesus Cristo está no meio de nós e que está ansioso por que estejamos abertos a confiar plenamente n’Ele.

“E Jesus disse: «Um homem tinha dois filhos»”. Eles teriam de certeza menos de dezoito anos, já que regra geral os judeus se casavam o mais tardar aos dezoito anos, e «O mais novo disse ao pai: **‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde’**». Era um procedimento habitual. Era possível fazer doações entre pessoas vivas: o mais velho tinha direito a 2/3 e ficava encarregado da casa, de cuidar da mãe e das irmãs e irmãos, sendo que o mais novo tinha direito a 1/3. Só que normalmente o pai doava a propriedade mas ficava com os rendimentos para si. E os filhos já não podiam dispor do capital.

Ele espera que o pai vá aceder a dar-lhe mais do que era costume, ou seja, que lhe permita dispor da fortuna, da sua parte da herança. Pode dizer-se que foi um pedido pouco cortês, diria mesmo insolente para com o pai, porque estava descaradamente a dizer-lhe que queria a liberdade e deixar de estar dependente. Mas o pai não protesta, partilha com eles os seus bens.

Ao longo desta passagem, irão constatar que Cristo é muito breve, vai ao essencial, sem literaturas, sem eloquência, diz apenas o que é necessário.

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. Somos um casal que tem seis filhos, que educámos no amor e na fé, procurando sempre desenvolver a sua liberdade e a sua autoestima para que, quando fossem adultos, pudessem escolher os seus caminhos de vocação e de vida.

No entanto, o nosso filho mais velho, quando terminou o ensino secundário, onde teve problemas académicos e de conduta, começou a rodear-se de amigos inconvenientes, parecia não ter rumo na vida e, pouco a pouco, começou a tomar decisões erradas, que o levaram ao consumo de drogas e de álcool. Esta situação provocou uma alteração na sua personalidade, na sua segurança pessoal; a relação dele connosco e com os irmãos foi-se deteriorando, provocando cada vez mais problemas; até que um dia saiu de casa, levando consigo a herança de amor, valores e fé que lhe tínhamos transmitido.

Bianca. Começámos a apercebermo-nos da doença da dependência. Consultámos médicos especializados para compreender a situação do nosso filho e os diagnósticos eram cada vez piores. Bipolaridade, distúrbio dual de personalidade e o prognóstico de que este quadro iria piorar com o tempo. Foi catalogado como um paciente psiquiátrico cuja medicação devia ser doseada por ser incapaz de a tomar sem ajuda. Um quadro desconsolador.

Mas sobretudo, começámos também a viver em simultâneo a experiência profunda de descobrir um amor verdadeiramente incondicional para com ele. Foi muito duro para mim acostumar-me a não saber do meu filho, a pensar nele sem saber se estava bem ou não. No entanto, esta circunstância durou anos nas nossas vidas.

A vulnerabilidade do filho que vive em desajuste emocional e afetivo torna cada vez maior a compaixão como mãe. No entanto, nos momentos de consumo o nosso filho tornava-se violento e muitas vezes nós próprios assumimos atitudes de ira ou de ressentimento, porque não sabíamos como enfrentar essas situações que escapavam ao nosso controlo. A oração constante era o único alimento da esperança.

António. Como pai, tinha criado expectativas em relação ao que o meu primogénito poderia conseguir conquistar como homem adulto; tinha muitos planos para ele, estudos universitários, trabalho, desportos, de alguma forma via-me a mim mesmo projetado nele. Ao compreender os problemas em que se encontrava, tive de pôr de lado todas as minhas expectativas e centrar-me no amor que tinha e tenho por ele, para conseguir ajudá-lo. Diante da sua decisão de partir, apenas lhe disse que não estivesse preocupado por ser diferente de mim, mas que fosse fiel aos valores que tinha recebido e que os visse como uma herança valiosa que não deveria malbaratar. Fazendo uso da sua liberdade, partiu e apenas nos restava rezar por ele.

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Mário e Maritza. Quando decidimos unir-nos e receber o Sacramento do Matrimónio fizemo-lo por decisão própria e livre de um amor de jovens que tinham dezanove e vinte e um anos. Tivemos pouco tempo de namoro, pouco menos de dois anos e já estávamos à esperada nossa primeira filha. Começámos uma vida com limitações económicas, sem experiência, iniciando os nossos percursos universitário, matrimonial, e de pais. Naquele tempo os nossos pais não estiveram de acordo com a nossa união, tanto mais que, havendo uma gravidez, acarretava uma espécie de confusão ou dúvida quanto à nossa decisão e à verdadeira razão da mesma. Ao fim de dois anos confirmámos claramente que o verdadeiro motivo da nossa união tinha sido o nosso amor e que tinha sido uma decisão tomada para toda a vida.

Maritza. Não sabíamos o verdadeiro significado do matrimónio, era apenas uma formalidade. No entanto, eu tinha a certeza de amar o meu esposo, cheia de ilusões, emoções e convencida de que era o que estava correto.

Lamentavelmente, com o passar dos anos e como duas pessoas jovens e inexperientes que tinham decidido unir-se em Matrimónio, foram-se-nos apresentando uma série de problemas, de situações na nossa vida matrimonial; alheados de Deus, pois era com esforço que iam à Eucaristia, não rezávamos nem púnhamos a nossa vida nas suas mãos. Mario dedicou-se a trabalhar e a trabalhar, saía cedo de casa e chegava muito tarde, quase que só para dormir, enquanto eu me dedicava às nossas filhas. Fomo-nos distanciando cada vez mais e, lamentavelmente, não soubemos falar, nem resolver através do diálogo, pondo de lado aquele que nos podia amparar, DEUS. Não compreendemos a liberdade que Ele nos deu, afastámo-nos e não nos confiámos a Ele.

CONSTITUIÇÃO GAUDIUM ET SPES. CONCÍLIO VATICANO II. 1965.

GRANDEZA DA LIBERDADE

17. Mas é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem. Os homens de hoje apreciam grandemente e procuram com ardor esta liberdade; e com toda a razão. Muitas vezes, porém, fomentam-na dum modo condenável, como se ela consistisse na licença de fazer seja o que for, mesmo o mal, contanto que agrade. A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no

homem. Pois Deus quis «deixar o homem entregue à sua própria decisão», para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele. Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa.

ENCÍCLICA VERITATIS SPLENDOR. JOÃO PAULO II. 1993.

31. Os problemas humanos mais debatidos e diversamente resolvidos na reflexão moral contemporânea, estão ligados, mesmo se de várias maneiras, a um problema crucial: o da liberdade do homem.

Não há dúvida que a nossa época adquiriu uma percepção particularmente viva da liberdade. «Os homens de hoje tornam-se cada vez mais conscientes da dignidade da pessoa humana», como já constatava a Declaração conciliar *Dignitatishumanae*, sobre a liberdade religiosa. Daí a reivindicação de que os homens possam «agir segundo a própria convicção e com liberdade responsável, não forçados por coacção, mas levados pela consciência do dever».

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 1.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Que diferenças encontramos ente liberdade e libertinagem? Perguntamos aos nossos filhos o que significa para eles a liberdade?

Sentimo-nos livres para tomar as nossas próprias decisões dentro do casal e na família, ou somos coagidos ou influenciados pelas correntes individualistas atuais? Até onde devemos admitir um espaço de liberdade para o outro?

Que diferença consideramos haver entre tomar decisões com e sem Nosso Senhor Jesus Cristo?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Sugerimos para este momento da reunião de equipa comentar sobre algum momento em que não tenhamos sentido liberdade para tomar uma decisão importante, quer tenha sido pessoal, do casal, da família, ou no local de trabalho.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Gal 5,1; 13-15]

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão.

Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo. Mas, se vos mordeis e devorais uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros.

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas. É proposto que reflitamos sobre se há a preocupação de fazer frutificar os nossos dons.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da equipa, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: “Escuta Senhor a nossa oração”.

C. PARTILHA

Todo o caminho de santidade requer esforços e entregas, não só como oferendas a Deus mas também porque é um bem pessoal que fortalece o domínio de nós próprios e nos ajuda a melhorar integralmente como pessoas, na nossa relação conjugal e em todos os domínios da nossa vida, por se estar numa relação próxima e permanente com Deus ao colocá-lo no centro das nossas vidas.

Por isso perguntamos: Estamos dispostos a viver todos os pontos concretos de esforço, em liberdade e como expressão do amor a Deus e aos nossos cônjuges?

Recomendamos que, durante o mês, seja posto ênfase “Na Escuta da Palavra” e sugerimos que seja iniciada com a leitura da parábola do Pai misericordioso [Lc 15, 11-32], tendo em consideração que o tema de estudo deste ano se baseia nesta passagem do Evangelho.

Recomendamos também a leitura da carta de S. Paulo aos Gálatas [Gl 5, 1; 13-15] que está relacionada com o tema deste primeiro capítulo, para a meditarmos na reunião de equipa.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

São as mesmas que recomendamos para a reflexão em casal apresentadas no ponto 4 deste capítulo. É importante reconhecermos se vivemos uma verdadeira liberdade.

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

ECLESIAÍSTICO 15, 11 - 18

R/. Como é grande a sabedoria do Senhor

Não digas: “É o Senhor que me faz pecar”, porque ele não faz aquilo que odeia. Não digas: “É ele que me faz errar”, porque ele não tem necessidade de homem pecador.

R/.

O Senhor odeia toda a espécie de abominação e nenhuma é amável para os que o temem.

Desde o princípio ele criou o homem e o abandonou nas mãos da sua própria decisão.

R/.

Se quiseres, observarás os mandamentos para permanecer fiel ao seu prazer. Ele colocou diante de ti o fogo e a água; para o que quiseres estenderás tua mão.

R/.

Diante dos homens está a vida e a morte, ser-te-á dado o que preferires. É grande, pois, a sabedoria do Senhor, ele é todo-poderoso e vê tudo.

R/.

F. ORAÇÕES FINAIS

PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL

MAGNIFICAT

ANEXO 1

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Discurso de Paulo VI às Equipas de Nossa Senhora. *Caminhar no Amor*, 4 de Maio de 1970, na Basilica de S. Pedro de Roma.

Catecismo da Igreja Católica, n.ºs 1739, 1740 e 1744.

Documento de Puebla. III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, n.º 321, sobre a liberdade.

CAPÍTULO 2

Reconciliação, sinal de amor

A FINALIDADE DOS DONS RECEBIDOS

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada.”

Lc 15, 13

MEDITAÇÃO

Apesar de este texto não descrever os motivos da decisão do filho mais novo para partir para uma terra longínqua, vale a pena refletir porque quereria ir para tão longe, que ideias o levaram a afastar-se, pedir a herança e esbanjá-la. Podemos perguntar-nos: Será que nunca se sentiu livre? Quis saber como era ter os seus próprios recursos? Por que viveu como um libertino? Era só falta de maturidade? O que queria demonstrar aos outros ou a si mesmo? São muitas as situações que não são narradas e que, com certeza, não podemos conhecer, mas o que é de facto possível reconhecer é a tristeza e a dor de um pai que perde um filho.

Situações deste tipo não estão muito distantes da realidade de uma vida familiar, não só entre pais e filhos, mas também entre cônjuges.

A mensagem deste evangelho é muito profunda e tem por base as ações e as consequências que se geram pelo nosso afastamento de Deus, que nos ofusca e nos faz perder os verdadeiros motivos da unidade, da estabilidade e da permanência das relações.

Santo Inácio escreveu: “Ao mudar de lugar não se muda a conduta: enquanto a pessoa imperfeita não sair de si mesma, apenas será melhor noutra lugar, não neste”.

Podemos identificar neste versículo quatro verbos que nos podem orientar nesta meditação:

Juntar. O filho mais novo juntou todos os bens que, livremente, o pai lhe tinha entregado. Podemos, fazendo uma analogia, identificar os bens da herança



com os dons que recebemos do Espírito Santo pela graça do Senhor. Todos recebemos dons, uns muitos, outros menos e alguns poucos. Em muitas ocasiões somos possuidores de dons ou carismas que não sabemos identificar ou julgamos tê-los quando na realidade não é assim. É importante que cada um de nós, ao longo do tempo, com a ajuda do Senhor, com a prática da oração assídua, das obras de misericórdia e dos sacramentos, possamos conhecer e reunir no coração os nossos próprios dons e carismas.

Partir. O filho, diz Lucas na parábola, partiu para uma terra longínqua com todos os bens que recebeu. Tomou a decisão de partir, quer dizer, empreendeu uma ação. De igual modo, quando descobrirmos os dons que o Senhor nos tenha dado, quando soubermos as muitas coisas que podemos fazer com eles, teremos de tomar a decisão de empreender uma ação tendo em vista aproveitar os talentos recebidos gratuitamente.

Espanjar. Lamentavelmente o filho mais novo fez mau uso dos seus bens, escolheu o caminho do mal, afastou-se de Deus e espanjou a sua fortuna. Ao tomarmos conhecimento das graças recebidas do Senhor, nós cristãos temos de empreender uma ação que possa ser destinada a fazer o bem ou, pelo contrário, a fazer o mal. Neste dualismo do bem e do mal há uma posição que também é má, que é o não fazer nada, não usar esses dons, porque nos poderia causar uma sensação de comodidade e de falsa segurança. Isto leva-nos a pensar numa outra parábola, a dos dois talentos e do servidor que enterrou a moeda de ouro e como o amo escarnece dele pela sua inatividade.

Viver. Está bem claro que o caminho escolhido para usar a fortuna, a libertinagem, foi o pior ao criar a falsa sensação de liberdade com o prazer mundano. O rapaz poderia ter usado a herança para a investir de uma forma que desse fruto, que o fizesse um homem de bem de quem se orgulhassem o pai e a família. No nosso caso, quer seja individualmente quer como casal, uma vez descobertos os nossos dons e carismas, temos de decidir que tipo de vida queremos viver. Junto de Deus, aproveitando as suas graças e colocando-as ao serviço dos outros, ou, no extremo oposto, afastados d'Ele, usando-os para o mal ou simplesmente sendo comodistas e desperdiçando-os, não fazendo nada. A decisão é nossa.

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

Os objetivos deste capítulo são: sermos capazes de reconhecer que, pela graça de Deus, todos recebemos dons, pessoais e conjugais, e considerarmos o sentido cristão do uso que lhes damos.



Pretende-se que aprendamos a reconhecer os bens, talentos e potencialidades que temos, partindo de sabermos que, nós cristãos, temos um Pai celestial que nos assiste, que nos enche de graças e oportunidades e que nunca nos abandona. No entanto, nem sempre reconhecemos a sua proximidade e o seu amor, procurando-o apenas diante de uma necessidade, como apoio diante de uma insegurança humana, para logo nos esquecermos d'Ele até uma nova necessidade.

Nestas condições, o homem vive submerso no nada espiritual, com um vazio existencial que o enche com sentimentos caprichosos e decisões confusas, que revelam a fragilidade da sua fé e uma incerta esperança.

Mas Deus está sempre connosco, procura a nossa plenitude e, pela sua graça, entrega-nos gratuitamente ferramentas de vida que conhecemos como dons ou talentos, que se manifestam nas nossas diversas capacidades e habilidades, mas que, por quaisquer circunstâncias, muitas vezes não desenvolvemos ou lhes somos indiferentes.

Na passagem que lemos, o pai é uma referência a Deus que entrega ao filho uma herança que representa um dom recebido. O filho afasta-se do pai, começa a viver como um libertino e desperdiça o dom recebido gratuitamente.

Todos os dons são graça e o seu sentido profundo é colocá-los ao serviço do outro ou dos outros. É prioritário que os ofereçamos e distribuamos apoiando-nos mutuamente até que sejam um verdadeiro testemunho de vida cristã.

Os dons são recursos valiosos que devem ser utilizados em todas as situações da nossa vida e, por maioria de razão, na relação matrimonial, vivendo-os sempre como serviço ao outro e ajudando o cônjuge a descobri-los e a utilizá-los sem egoísmos.

É importante sermos claros em relação ao conceito de egoísmo, porque é uma causa muito importante de crises matrimoniais que é preciso ter em consideração.

O egoísmo é a atitude de quem manifesta um excessivo amor por si mesmo e que só se ocupa do que é para o seu próprio interesse ou benefício, sem atender nem reparar nas necessidades dos outros: *“Ninguém procure o seu próprio interesse mas o dos outros”*[1 Cor 10, 24].

Está relacionado com a ambição, a ganância, o egocentrismo e o desrespeito; alimenta-se de raízes de amargura, individualismo, materialismo, ambição, ansiedade e, sobretudo, de debilidade espiritual. Em geral esta atitude é inconsciente naquele que a tem, porém é evidente para quem a vê e para quem sofre as consequências.

Aristóteles dizia que o egoísmo não é o amor próprio, mas sim uma paixão desordenada por si mesmo.

O egoísmo pode destruir o casal, porque nos torna insensíveis às necessidades e aos desejos do cônjuge para pôr ênfase nos nossos e, assim, por exemplo, não o escutam nem lhe prestamos atenção, pomo-nos a fazer qualquer outra coisa quando está a falar connosco; desrespeitamos e criticamos o seu ponto de vista e impomos o nosso critério à força, sem argumentos reais. Não entendemos os seus interesses, desejos e necessidades, mas satisfazemos apenas os nossos. Criticamos a sua família e opomo-nos a prestar-lhe alguma ajuda financeira; tomamos decisões sem o consultar e impomos a nossa vontade; tornamo-nos avarentos, desconfiamos do que gasta e consideramo-nos donos de tudo. Isto é particularmente crítico, sobretudo no que se refere a bens materiais. Convém destacar o critério relativo ao dinheiro em [1 Tim 6, 10]: "... porque a raiz de todos os males é a ganância do dinheiro. Arrastados por ele, muitos se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições".

Todas estas manifestações de egoísmo frequentemente geram ressentimentos, feridas, separação emocional e até ódio e violência. *"Aquilo que não queres para ti, não o faças aos outros."* [Tb 4, 15]. Por isso, é muito importante reconhecer esta atitude negativa e trabalhar para a controlar¹.

Também, dentro das Equipas, é fundamental que pratiquemos a ajuda mútua espiritual, tendo como finalidade pedir, ajudar a descobrir e desenvolver os dons que o Senhor nos dá.

Em toda a graça de Deus atua o Espírito Santo e, ao receber d'Ele os dons, espera que dêem frutos.

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

"O FILHO PRÓDIGO"

2.^a PARTE

«Poucos dias depois» –isto parece contradizer o que acabo de vos dizer– (se Cristo nos diz dessa forma é para nos fazer entrever a psicologia do filho; Cristo não usa uma linguagem abstrata; para falar para todos, tanto os mais simples

¹ Fontes: Significados.com; pt.wikiquote.org/wiki/egoísmo; **Princípios de vida em casal**, de Luis e Hannia Fernández.

como os mais sábios, fala de uma forma concreta e todos compreendemos que pretende dizer que está impaciente por conquistar a independência em poucos dias). Ah sim! porque essa dependência do pai é pesada para ele. Ele quer ser livre.

Talvez «venda casas, campos, gado», constituindo um bom pecúlio; juntando tudo, o filho mais novo parte. É jovem, tem boa aparência, tem nos calcanhares as asas da liberdade e os quilómetros sucedem-se. Como é rico, aloja-se num hotel durante a noite, volta a partir na manhã seguinte, parece-lhe que a felicidade cresce à medida que os quilómetros se multiplicam, que aumenta a distância entre a casa paterna e ele. Enfim livre!

«Partiu para uma terra longínqua». Porquê para uma terra longínqua? Poderia ter ido para a vila ao lado ou para a cidade próxima. Mas não. Está impaciente por uma independência total. Na vila ao lado, o irmão teria vindo pregar-lhe um sermão.

«E por lá esbanjou tudo quanto possuía», vivendo luxuosamente. Rapaz de boas famílias, com muito dinheiro, rapidamente arranja amigos, muitos amigos, é assim quando há muito dinheiro. Organiza bailes, festas, banquetes, torna-se como que um rei da juventude nessa terra longínqua. Tem pelo menos a qualidade de ser generoso. Não é avarento. Pode registar-se isto a seu favor, já que tem muitas outras coisas a seu desfavor. Vive luxuosamente.

2.^a PARTE

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. O nosso filho foi viver para uma estância turística para jovens, onde estava rodeado de pessoas da mesma idade, cujo único plano era “estar-se bem”. Utilizou as suas competências sociais, intelectuais e emocionais para conquistar novas amizades e conseguir comida e alojamento gratuitos, isto é, para viver do esforço dos outros. Mas, pouco a pouco, os que o ajudavam começaram a aperceber-se de que ele não colaborava, não era disciplinado no trabalho e o seu estatuto na comunidade começou a deteriorar-se. Estava a esbanjar a sua herança. Um dia em que o fomos visitar para tentar convencê-lo a deixar aquela vida e a voltar para casa, disse-nos que o trabalho que tinha era o de contactar os turistas, fazer-se amigo deles e persuadi-los a alojarem-se num dado hotel ou a comerem num dado restaurante; isto em troca de alimentação e de algum dinheiro. No entanto, já nessa altura nos confidenciou que tinha perdido os dois trabalhos anteriores.

Bianca. Os casais na nossa Equipa de Nossa Senhora foram, durante muito tempo, os únicos com quem partilhávamos esta dor. Não falávamos disto senão

com eles e com a família próxima. Eles foram ouvintes e suporte, apoio e ajuda mútua. Depois, os amigos íntimos uniram-se às nossas orações, às nossas súplicas. Todos os intercessores do céu receberam pedidos para esta causa e esse foi o maior apoio de todos os laços que nos sustentaram nesta ânsia de ver o regresso do nosso filho, não só ao lar paterno, mas também à reconciliação com Deus.

António. A crise que vivíamos como família pelo afastamento do filho e a preocupação com o seu futuro causou problemas em nós. Muitas vezes nos culpabilizámos pelas falhas do nosso filho, recriminando-nos um ao outro. Com o tempo compreendemos e demos graças pelo muito que tínhamos recebido como filhos de Deus, como pais e como família. Este sentimento de gratidão foi uma força que nos suportou de tal forma que não perdemos nem a nossa alegria nem a esperança.

2.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Maritza. Como consequência das diferenças e das situações que fomos enfrentando durante os nossos primeiros anos de vida matrimonial, foram-se perdendo aos poucos o amor, o respeito, a convivência linda que Deus nos tinha dado e isto, lamentavelmente, abriu a portas para que entrassem nas nossas vidas coisas que não deveriam ter aparecido, os ciúmes, a desconfiança, as indiferenças, as faltas de respeito, a falta de atenção aos pormenores, as mentiras, até se chegar ao ponto de enfrentarmos a separação matrimonial, por causa da infidelidade de Mario durante mais de um ano.

Fiquei devastada, não conseguia compreender o que se estava a passar pois tinha a certeza de que ele me amava, e não consegui entender por que não quis lutar e tomou o caminho mais fácil: abandonar-nos. Chorei muito, as nossas filhas sofreram e pediram ao Mario que não o fizesse, que começasse um tratamento que o ajudasse, mas ele disse-lhes que não. Isso feriu-as profundamente e decidiram não voltar a falar com ele. Nesse momento eu estava muito mal; não queria comer, nem levantar-me, queria morrer. Tiveram de me levar ao psiquiatra, pois desejava a morte e cada vez que via o meu marido pedia-lhe que voltasse para a nossa casa e a resposta era sempre a mesma: já não te amo.

Com isto quebraram-se todas as expetativas da nossa vida, a promessa feita diante de Deus, os planos que tínhamos e perdeu-se a confiança depositada em Mario como esposo, como pai, como parte de uma família maravilhosa e de um projeto de vida que tínhamos empreendido.

Mário. Saí de casa à procura de coisas que, segundo o meu entendimento, eram o que eu nesse momento egoísta da minha vida, considerava serem justas, corretas, confundindo ilusões passageiras com o verdadeiro amor e, sobretudo, deitando abaixo tudo o que tínhamos construído na nossa vida matrimonial.

Apesar de ser difícil, doloroso, ter de enfrentar a minha família, que me pedia que reconsiderasse e procurasse outra opção, dos nossos amigos, que procuravam aconselhar-me, fazer-me reagir, um dia saí de casa, deixando tudo e fui à procura de uma nova vida, sem saber o mal e a dor que deixava atrás e as consequências desta má decisão que tomei na minha vida.

Comecei a viver uma vida muito diferente daquela a que estava acostumado com a minha família. Foram-se apresentando algumas coisas diferentes, outros costumes, outras formas de ver e de viver a vida, outras responsabilidades que assumia com esta nova vida que tinha escolhido e que, pouco a pouco, foram mudando a decisão que tinha tomado e que alteraram a perspetiva, a ilusão que procurava e em que se tinha tornado a minha existência.

ENCÍCLICA DIVES IN MISERICORDIA. JOÃO PAULO II. 1980.

5. Este filho, que recebe do pai a parte da herança que lhe toca e deixa a casa paterna para esbanjar essa herança numa terra longínqua «vivendo dissolutamente», em certo sentido é o homem de todos os tempos, a começar por aquele que foi o primeiro a perder a herança da graça e da justiça original. Neste ponto a analogia é muito vasta. Indiretamente a parábola estende-se a todas as ruturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 2.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Se é tudo a dois, como administramos os recursos?

Qual dos dons do Espírito consideramos prioritário em nós?

Conhecemos os dons e as graças dos nossos cônjuges e filhos?

Que uso fazemos desses dons em casal, em família e à nossa volta?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Sugerimos para este momento da reunião de equipa, partilhar as nossas reflexões sobre os dons mais relevantes que consideramos ter e como os aplicamos nas nossas vidas conjugal e familiar. Dizer também se conseguimos identificar talentos ocultos que não sabíamos ter.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Mt 25, 14-30]

«Será também como um homem que, ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu. Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco. Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois. Mas aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.

Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e pediu-lhes contas.

Aquele que tinha recebido cinco talentos aproximou-se e entregou-lhe outros cinco, dizendo: 'Senhor, confiaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que eu ganhei.' O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.'

Veio, em seguida, o que tinha recebido dois talentos: 'Senhor, disse ele, confiaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que eu ganhei.' O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.'

Veio, finalmente, o que tinha recebido um só talento: 'Senhor, disse ele, sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence.' O senhor respondeu-lhe: 'Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu ceifo onde não semei e recolho onde não espalhei. Pois bem, devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros.'

'Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. A esse servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.'»

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas. É proposto que reflitamos sobre se há a preocupação de fazer frutificar os nossos dons.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da equipa, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: “Escuta Senhor a nossa oração”.

C. PARTILHA

Propomos, para ser trabalhado durante o mês, o ponto concreto de esforço “A Regra de Vida”, já que o tema tratado se refere à aplicação das graças e dons recebidos de Deus para o serviço ao nosso cônjuge e aos outros.

Seria também muito valioso que não descuidássemos outros pontos concretos de esforço, como sejam a Oração pessoal e conjugal e o Dever de se sentar, tendo em vista pedir a Deus que nos ilumine a descobrir os dons que nos ajudem a enriquecer o nosso casal e a nossa família e a conseguir pôr em marcha o nosso projeto de vida.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Conheço os dons dos membros da minha equipa?

Que uso fazemos dos dons recebidos nos diferentes âmbitos da nossa vida (Movimento e Igreja)?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

Senhor, nosso Deus, se o céu é maravilhoso e a lua e as estrelas são incríveis,
Eu, que sou obra das tuas mãos, eu que fui criado à tua imagem e semelhança,
Como serei? Como serei por dentro?

Puseste nas minhas mãos os bens (dons) para que os partilhe com os homens.
Fizeste-me responsável pelo meu irmão.

Deste-me para que partilhe.

Quero ser amigo de todos.

Salmos para um jovem como tu
Recompilado pelo Padre Jorge Galéaz S.J.

Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo;
Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo.
Tudo é vosso, dispõe de tudo, à vossa inteira vontade.
Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta.
Ámen.

Santo Inácio de Loyola

F. ORAÇÕES FINAIS

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL**

MAGNIFICAT

ANEXO 2

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Conferência do P. Caffarel aos peregrinos de Lourdes (7 de Junho de 1965).
As Equipas de Nossa Senhora ao serviço do Novo Mandamento.

O Regresso do Filho Pródigo. Henri Nouwen. 2007, A. O., págs. 39-41, 43-49.

Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização. Las Parábolas de la Misericórdia (2015), Ed. San Pablo, Bogotá, Colômbia, págs. 45.

Catecismo da Igreja Católica, Dons e frutos do Espírito Santo. n.ºs 1830 e 1831.

Decreto Apostolicam Actuositatem. Sobre o apostolado dos leigos. n.ºs 3 e 4.

CAPÍTULO 3

Reconciliação, sinal de amor

A CRISE COMO OPORTUNIDADE DE CONVERSÃO

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.”

Lc 15, 14-16

MEDITAÇÃO

Sem aproveitar os bens recebidos para crescer, nem sendo capaz de fazer previsões para enfrentar épocas difíceis, o filho pródigo gastou tudo o que tinha e, para agravar a situação, houve grande escassez na região e a sua realidade tornou-se tão difícil que a sua vida teve uma mudança radical: da abundância passou à carestia, a suposta alegria transformou-se em tristeza, a vida caiu numa crise profunda. Nem sequer tinha o que comer. Tinha perdido tudo.

O mesmo pode acontecer nas nossas vidas, quando julgamos que tudo está bem podemos pensar que Deus não faz falta e que somos capazes de fazer tudo sozinhos; quando usamos areia em vez de rocha [Mt 7, 24-27] nas fundações das nossas vidas, diante de qualquer dificuldade que se nos apresente seguir-se-ão certamente a queda, o fracasso, a crise.

Começa assim esta personagem uma peregrinação por um mundo de penúrias, passando fome, burlas, maus tratos, até cair numa situação humilhante para um judeu, como seja o cuidar dos porcos, um animal impuro e desprezível que estava mais bem alimentado e era melhor tratado do que ele próprio. Quanta desonra!

Alguma vez nos sentimos assim ao afastarmo-nos do Senhor, sem pensar no nosso próximo, no nosso cônjuge, na nossa família, nos amigos ou nos nossos colegas de trabalho? Cometemos injustiças contra eles que nos levaram a uma crise de consciência até sentirmos que perdemos a nossa honra e o respeito por nós mesmos?

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é motivar-nos para compreender que muitas vezes surgem crises nos nossos projetos de vida pessoais e familiares que nos provocam ansiedade, angústia e sofrimento. Podemos aproveitá-las como oportunidades para refletir, valorizar e reorientar o nosso caminho de vida para Deus e a relação com o nosso próximo.

Uma coisa é clara, a dor entra nos planos de Deus. É essa a realidade, ainda que nos custe entendê-la, como também é certo que Deus Nosso Senhor não causa a dor às suas criaturas, mas tolera-a porque, depois do pecado original, faz parte da condição humana.

Partimos do facto de uma crise ser uma condição difícil, inesperada ou não, que põe em perigo o desenvolvimento de um processo ou que afeta o ser humano. São inevitáveis e dolorosas na vida de todas as pessoas e das suas famílias.

Poderíamos descrever três reações diante de uma crise: a primeira é procurar evitá-la quando a vemos chegar, a segunda é a atitude com que a assumimos quando se apresenta, e a terceira é descobrir o que aprendemos de positivo com ela.

No primeiro caso o êxito dependerá de conseguirmos identificar a crise antecipadamente. É o equivalente a uma vacina em medicina. Nas relações familiares é reconhecer que há uma dificuldade e o fundamental será prestar-lhe a atenção devida para que não evolua.

No segundo caso, ao longo das nossas vidas em casal vão surgir, quase inevitavelmente, circunstâncias que podem levar a uma crise. Algumas aparecem como consequência do ciclo de vida familiar: responsabilidades maritais, costumes e hábitos da família política, a chegada dos filhos e, com eles, a escolaridade, a adolescência, a escolha profissional, o namoro e o matrimónio, até chegar ao ninho vazio, à velhice e à viuvez.

Além destas, há outras crises que aparecem de forma imprevisível, como, por exemplo, infidelidade, divórcio, desemprego, incapacidade, doença, morte prematura, violência, dependências, etc.

A deterioração social e cultural em que vivemos atualmente pode levar-nos a uma crise dentro da família, que está a ser fortemente atacada pelo divórcio fácil, pelo aborto, pela ideologia de género, pela legalização das uniões homossexuais, pela falta de liberdade para a educação dos filhos, etc.



A atitude deverá ser ter sempre os olhos postos em Deus e entregues à sua infinita misericórdia, pedindo-lhe que nos fortaleça para afrontar serenamente qualquer situação, sem desesperar, adaptando-nos ao que aconteça e tomando medidas. Nos casos em que não encontramos solução imediata ou em que não haja solução, incumbe compreender e aceitar a realidade, tentar uma mudança, procurar manter a coesão familiar, apoiando-se mutuamente, obtendo ajuda profissional, na equipa ou em amigos da família, e nunca perder a esperança.

Finalmente, no terceiro caso, procuramos tirar proveito das crises, o que nem sempre é fácil, tomando-as como oportunidades para crescer e amadurecer. Isto permite valorizar os recursos que utilizamos para as resolver, as capacidades e recursos ocultos que aparecem, os vínculos que são fortalecidos quando são devidamente enfrentadas e nos convertemos em testemunho para outros que vivem situações semelhantes.

Para reforçar este terceiro caso, transcrevemos alguns pensamentos do capítulo 2 do livro “Meditações sobre a Fé” do P. Tadeusz Dajczer, que é incluído a seguir na secção “Outras leituras recomendadas”.

Deus espera que olhemos para todas as situações que vivemos, e em particular para as difíceis, com os olhos da fé. Na parábola dos talentos Jesus adverte-nos para não nos fecharmos ao conhecimento divino que decorre da fé.

Talento não é apenas ter alguma coisa, mas também carecer de alguma coisa. À luz da fé, a saúde é um talento, mas também é um talento padecer de enfermidades. Jesus, em cada caso, pergunta-te: O que fazes com esse talento?, porque tanto se pode desperdiçar a saúde como a falta dela. Tudo é um dom e o talento também o é.

O homem de fé não pode deixar de ver o sentido mais profundo das suas próprias experiências e, evidentemente, a busca desse sentido é já por si mesma uma forma de utilizar esse talento. Por exemplo, se sentes medo perante os sofrimentos e a morte, tens diante de ti uma oportunidade.

Se há algumas situações que provocam tensões em ti, isso significa que, escondido dentro delas, há algum diamante coberto pelas cinzas, sendo esse diamante o teu talento. O que farás com ele? Como o vais aproveitar? Tudo há de servir para a tua santificação e, nesse sentido, tudo é graça. O sofrimento que te domina, ou as circunstâncias desagradáveis que afrontas, tudo é um conjunto de talentos. Mas nós atuamos frequentemente como cegos, como meninos pequenos que não compreendem muitas coisas.

Os talentos podem ter muito ou pouco valor. Se fazes bem alguma coisa, se conseguiste algo, sem dúvida utilizaste um talento, mas se não consegues fazer qualquer coisa, tens diante de ti um talento ainda mais valioso.

Tens de olhar para a tua própria vida de uma forma diferente, tens de olhar para ela com os olhos da fé. Só então te darás conta desse presente que Deus te dá constantemente, repararás que toda a tua vida é uma espécie de complexo de oportunidades ocultas para conseguir uma transformação interior contínua, que tudo é graça.

“A dor é um megafone que Deus utiliza para despertar um mundo de surdos”
C.S. Lewis (Terra das Sombras).

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

3.^a PARTE

Mas como gastou tudo em algumas semanas, em alguns meses delapidou a fortuna na alegria da liberdade. Sem quaisquer restrições! Tendo gasto tudo, nessa terra sobreveio uma fome severa. E ele começou a ter privações. As pessoas dessa terra viviam recorrendo às suas reservas, mas ele não tinha quaisquer reservas. O que faz ele? Não nos é difícil imaginar. Vai bater à porta dos seus alegres companheiros e há uma porta que se entreabre. Reconhecem-no, sabem que já não tem dinheiro. Acabou-se o dinheiro, acabaram-se os amigos. E a porta fecha-se. Uma vez, duas vezes, três vezes, se bem se lembra. Mas, apesar de tudo, tem de comer. Tendo batido às portas de todos os amigos, não lhe resta senão um recurso: sendo um homem do campo, ir pedir trabalho nos arredores mais próximos e prestar serviços à jorna, como um criado, como um assalariado.

Tendo partido, deixando a cidade para ir para o campo, ficou dependente de um cidadão dessas terras e o nosso rapaz, tão orgulhoso da sua independência, ele, o menino de família, fica reduzido às tarefas mais humildes. E essa pessoa, que certamente não precisaria assim tanto de mais um trabalhador, talvez se tenha compadecido dele e envia-o para os campos para guardar porcos. Aqui, mais uma vez, faço uma referência à sobriedade da narrativa de Cristo. Este é um detalhe sem grande interesse. Tomar conta dos porcos... Por que não das cabras? Por que não das ovelhas? Por que não dos cordeiros? Há aqui, mais

uma vez, uma intencionalidade de Cristo. É preciso saber que, para os Judeus, o porco era o animal impuro. Não se comia carne de porco. Assim, ficar limitado a guardar os porcos era a máxima abjeção. Já ser pastor seria uma grande desgraça, porque aos pastores judeus não lhes era possível praticar a lei, nomeadamente a lei do sábado. Porque mesmo ao sábado os animais precisam de beber e de comer. Ou seja, se ser pastor já corresponde a estar numa posição inferior, ser guardião de porcos torna a situação muito mais gravosa! Cristo pretende mostrar-nos que essa independência tão desejada acaba por levar à mais odiosa das escravaturas.

O Evangelho continua. **«Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam»**. Reparem na franqueza com que Cristo fala – recorde a reação de uma mãe de família que aqui esteve numa semana de oração e que me dizia: ‘Sabe, Padre, tem toda a razão em mostrar-nos que Cristo não tem falsos pudores; eu, quando estava num colégio interno de freiras, era-nos sobretudo proibido dizer que nos doía a barriga, tínhamos de dizer: tenho dores por baixo do avental.’ Mas Cristo é muito mais livre nas palavras que usa, não se envergonha.

Nem sequer tem direito à comida dos porcos. Chegou ao ponto de ele, o menino de família, ter ciúmes dos porcos. É evidente que não ousava mergulhar o braço na pocilga para tirar as alfarrobas, era-lhe repugnante. Pedia as alfarrobas ao patrão, que não lhas dava. Que os porcos ficassem grandes e gordos era, de facto, a grande ambição do patrão. Que o assalariado fosse magro como um raio de uma roda de bicicleta não o incomodava minimamente. Não dava alfarrobas ao seu assalariado.

3.^a PARTE

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. À medida que usava os seus dons para viver à custa dos outros e que os que o ajudavam se davam conta disso, o nosso filho começou a ter problemas nas suas relações pessoais, foi perdendo a autoestima, o consumo de álcool e drogas aumentou, tornou-se ainda mais irresponsável, até que uma noite várias pessoas lhe deram uma tarefa e assim, ferido, apareceu em casa, aceitando dar entrada num centro de reabilitação. Desgraçadamente, isto não foi suficiente para ele, porque, depois de períodos curtos em que procurava manter-se livre das drogas, voltava à situação anterior, tinha problemas, aceitava um novo tratamento de terapia, repetindo o ciclo, sendo que de cada vez a situação se tornava mais grave.

Este estado de coisas durou dez anos, até que, finalmente, por estar na festa errada e com as pessoas menos indicadas, foi acusado de um delito que, embora

não tivesse sido cometido por ele, o seu comportamento anterior fez com que aparecesse como principal suspeito.

Bianca. Escutando as nossas orações, Deus deu-nos a graça de nos dar, alternadamente, forças extraordinárias e, assim, quando um se ia emocionalmente ou espiritualmente abaixo e não se sentia com forças para enfrentar um novo episódio de resgate e reabilitação, o outro assumia o posto e tomava a cargo o problema: com paz, ânimo e na totalidade. Foi um trabalho solidário que nos uniu, que nos fez admirar e agradecer ao outro.

António. Durante esse tempo toda a família foi posta à prova. Os nossos filhos procuravam assimilar, cada um à sua maneira, a dura realidade de ver o irmão mais velho cometer erros, uns atrás dos outros. Viveram circunstâncias difíceis, atravessando a ira interna, as constantes reclamações, os nervos quando chegava a casa, a vergonha social, o ter de evitar lugares públicos, a dor intensa conjugada com a tristeza de ver o irmão ir e voltar e de ver os pais lutar e lutar.

Ambos. No entanto, fomos aprendendo a viver melhor o amor no nosso lar, compreendendo que ele era maior que o problema e, apesar de todas as crises de violência e prostração de todo o tipo que vivemos como pais e irmãos do nosso filho, fizemo-lo sentir o quanto o amávamos, apesar das suas atitudes, do seu consumo, de ter desistido de estudar. Deus, e apenas Ele, permitiu-nos não cair na codependência que teria complicado ainda mais o quadro diagnosticado. Deus foi-nos dando as forças para não sermos dependentes da sua doença.

3.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Mário. A minha vida começou a ser difícil, triste. Primeiro foi a relação com a minha mulher, com momentos muito complicados de reclamações, de mal-entendidos, a que se somou a grande tristeza de ir perdendo as minhas filhas, já que as duas mais velhas não me falavam e não queriam saber de mim; apenas mantive o contacto com a mais nova, a quem elas quase obrigavam a ser o meu elo com a família que tinha decidido deixar para trás para ir à procura de outras ilusões.

De alguma forma tinha delapidado os presentes de Deus na minha vida, no nosso casal, na nossa família. E tinha também desperdiçado a confiança e a segurança criadas. Quando saí de casa deixei tudo, levando apenas a roupa e nada mais. Assim, saí para enfrentar um anova vida sem saber com o que me iria deparar no futuro.

Os dias foram passando e começaram a dar-se as mudanças em relação ao que estava acostumado a viver. Já não tinha o meu lar; já não tinha as nossas filhas ao meu lado, tinha deixado essa responsabilidade à minha mulher.

Maritza. Também tive de mudar a minha vida, procurar trabalho e assumir um negócio que tínhamos para poder enfrentar as despesas da família. Deus é tão grande que, apesar de já não trabalhar há muitos anos, em um mês consegui um emprego. Foi uma etapa muito difícil, tinha de me levantar à 3:30 da manhã para ir distribuir pão e voltar a casa para tomar banho para depois ir para o escritório e, ao voltar para casa, apoiar as nossas filhas que sofriam e a quem os estudos não corriam muito bem. E eu, com o meu coração e a minha vida destruídos, não encontrava o rumo. Continuava com essa imensa dor e sem compreender o que se tinha passado.

Também tive de deixar o Movimento, porque já não tinha marido e perguntava a Deus por que me tinha tirado os dois amores da minha vida, “o meu marido e o Movimento”. Chorava muito e quando havia um evento do Movimento escondia-me na cozinha para me sentir mais próxima deles, os meus irmãos em Cristo, que, evidentemente, me estenderam a mão e estiveram sempre comigo no meio de tanta dor.

Esperava pelo dia em que Mário viesse pedir-me para regressar e em que eu lhe ia dizer: NÃO!, já é tarde, perdeste tudo.

ENCÍCLICA DIVES IN MISERICORDIA. JOÃO PAULO II. 1980.

5. Este filho, que recebe do pai a parte da herança que lhe toca e deixa a casa paterna para esbanjar essa herança numa terra longínqua «vivendo dissolutamente», em certo sentido é o homem de todos os tempos, a começar por aquele que foi o primeiro a perder a herança da graça e da justiça original. Neste ponto a analogia é muito vasta. Indiretamente a parábola estende-se a todas as ruturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado.

A analogia desloca-se claramente para o interior do homem. A herança que o jovem tinha recebido do pai era constituída por certa quantidade de bens materiais. Mas, mais importante do que esses bens era a sua dignidade de filho na casa paterna. A situação em que veio a encontrar-se quando se viu sem os bens materiais que dissipara, é natural que o tivesse também feito cair na conta da perda dessa dignidade.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 3.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Quais foram os critérios para lidar com as nossas crises matrimoniais e familiares?

Que crises identificámos na nossa vida matrimonial?

Soubemos olhar para as nossas crises como oportunidades de crescimento conjugal?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Esta questão das crises é um tema muito importante a ter em consideração dentro da vida conjugal, já que pode levar a decisões que afetam seriamente a relação; seria, por isso, muito enriquecedor para a equipa que nesta parte da reunião um ou mais casais expusessem alguma crise que tenham vivido durante a sua vida matrimonial e como a abordaram.

É necessário que os casais tenham conversado previamente e estejam de acordo em pôr isso em comum, procurando ser o mais concretos possível.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Mc 4, 35-41]

“Naquele dia, ao entardecer, disse: «Passemos para a outra margem.» Afastando-se da multidão, levaram-no consigo, no barco onde estava; e havia outras embarcações com Ele. Desencadeou-se, então, um grande turbilhão de vento, e as ondas arrojavam-se contra o barco, de forma que este já estava quase cheio de água. Jesus, à popa, dormia sobre uma almofada. Acordaram-no e disseram-lhe: «Mestre, não te importas que pereçamos?» Ele, despertando, falou imperiosamente ao vento e disse ao mar: «Cala-te, acalma-te!» O vento serenou e fez-se grande calma. Depois disse-lhes: «Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: «Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?»”.

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos

interpela e como afeta as nossas vidas. É proposto que reflitamos sobre se há a preocupação de fazer frutificar os nossos dons.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da equipa, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: “Escuta Senhor a nossa oração”.

C. PARTILHA

Na apresentação deste capítulo foi mencionada a importância de saber identificar uma situação para antecipar uma crise e, se esta surgir, a atitude deverá ser sempre com os olhos postos em Deus e entregues à sua divina misericórdia, pedindo-lhe que nos fortaleça para enfrentar serenamente qualquer situação; por isso, propomos o diálogo conjugal (dever de se sentar) como ponto concreto de esforço para este mês, para poderem conversar e recordar as crises por que já passaram como casal, como as encararam e resolveram e que experiências positivas puderam aprender com estas situações difíceis.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Como deve proceder a Equipa quando se confronta com a crise de um casal?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 31 [8b-11; 15-17]

R/. *Tem piedade de mim, Senhor, que vivo atribulado*

Pois viste a minha miséria

e conhecestes a angústia da minha alma.

Não me entregaste nas mãos do inimigo,

mas deste aos meus pés um caminho espaçoso.

R/.

Tem compaixão de mim, SENHOR, que vivo atribulado;
os meus olhos consomem-se de tristeza,
a minha alma e o meu corpo definham.
R/.

A minha vida mirrou-se na amargura,
e os meus anos, em gemidos.
A aflição acabou com as minhas forças;
os meus ossos consumiram-se.
R/.

Mas eu confio em ti, SENHOR;
e digo: «Tu és o meu Deus.
O meu destino está nas tuas mãos;
livra-me dos meus inimigos e perseguidores.
Brilhe sobre o teu servo a luz da tua face;
salva-me pela tua misericórdia.»
R/.

F. ORAÇÕES FINAIS

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL**

MAGNIFICAT

ANEXO 3

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Papa Francisco: Discurso da abertura do Congresso “*A Alegria do Amor, O Caminho das Famílias*”.

Meditações sobre a Fé. P. Tadeusz Dajczer. Capítulo 2. Paulus Editora.

Os Fundamentos das Equipas de Nossa Senhora. Início e Progresso (1959).
Introdução de Jean Allemand.

CAPÍTULO 4

Reconciliação, sinal de amor



RECONHECENDO A NOSSA FRAGILIDADE

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“E, caindo em si, disse: ‘Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome!’”

Lc 15, 17

MEDITAÇÃO

O evangelista, iluminado pelo Espírito Santo, inicia esta versículo com a frase “*Caindo em si*”, fazendo referência ao facto de o filho, no seu desespero, se ter detido a refletir sobre a situação a que tinha chegado. Parece que teve de perder tudo, incluindo os laços filiais, para entrar no íntimo do seu ser.

“Cair em si” é fazer uma autoanálise. Muitas vezes, em alguma situação dolorosa que nos leva a refletir sobre a nossa vida, questionamo-nos sobre o que fizemos e as consequências das nossas decisões, se foram boas, más ou inconsequentes, ou se com elas fizemos mal a alguém. Neste processo também reconsideramos sobre os nossos talentos, se os aproveitámos ou desperdiçámos e se nos fizeram crescer ou os usámos apenas para o prazer, a diversão e a nossa conveniência.

Na segunda parte do versículo, o filho mais novo lamenta-se de estar a passar fome. enquanto na sua casa paterna até os jornaleiros disfrutam da abundância. Isto permite-lhe rever as suas ações e dar valor ao que tinha, com a possibilidade de retificar e recuperar o que tinha perdido. Outro fruto positivo do reconhecimento da sua fragilidade é a oportunidade de regressar a casa depois de a ter abandonado.

O início de uma conversação é o resultado de profundas reflexões que realizamos perante diferentes circunstâncias da nossa vida, que nos permitem reconhecer as nossas carências, debilidades, limitações e, mais ainda, os nossos erros ou projetos fracassados. Tal como o filho mais novo, somos pecadores arrependidos do nosso proceder, dispostos à conversão?

Meditemos sobre as ações das nossas vidas. Não esperemos por perder o presente valioso que recebemos do Senhor: o amor, a família, a saúde, os nossos talentos, o trabalho, os bens, a dignidade, etc., para nos darmos conta do que desperdiçamos.

Tenhamos presente que, mesmo que tivéssemos perdido tudo, continuaríamos a ser filhos do Pai. Esta consciência da confiança no seu amor, embora desfoçada, dá-nos força para retomar a condição de filhos, mesmo que não estivesse suportada em qualquer mérito. A partir da nossa fragilidade compreendemos melhor a grandeza da redenção e da filiação divina. Somos filhos de Deus!

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é promover o autoconhecimento das nossas debilidades como primeiro passo para nos ajudar, pessoalmente e em casal, a descobrir e superar as limitações de cada um.

O fim último da nossa existência, como pessoas, é o nosso encontro com o Criador. Este caminho implica crescer em todas as dimensões da nossa vida, como filhos, esposos, pais, amigos, mas sobretudo como bons filhos de Deus, desenvolvendo-nos como indivíduos, descobrindo a nossa interioridade e personalidade, tomando consciência das nossas capacidades, dons e limitações e vivendo uma vida de virtudes, sendo humildes, generosos, responsáveis, respeitosos, fiéis, etc.

Lamentavelmente, a fragilidade humana está atualmente agravada por uma cultura hedonista que influi sobre as pessoas, gerando antivalores como a soberba, o desrespeito ou a infidelidade, entre outros, criando estilos de vida que produzem profundos danos nas nossas relações. Por isso, o desafio é aproximarmo-nos de Deus, conhecendo a sua infinita grandeza e conseguir, assim, uma mudança positiva na convivência humana para vencer as nossas misérias.

Na vida matrimonial é necessário que os cônjuges se aceitem tal como são, ajudando-se mutuamente a melhorar nos aspetos que estão ao seu alcance para atingir o amor, a felicidade e a santidade.

Com a ajuda do outro (e também dos filhos nos casos em que sejam afetados pelos problemas que se possam apresentar), a fragilidade também pode ser convertida num dom que sirva para fortalecer e tornar fecunda a vida conjugal e familiar. A imagem viva da fragilidade que frutifica e se converte em fonte incessante de graça é a de Maria, mãe de Jesus e nossa mãe.

Leva tempo a reconhecer as fragilidades do outro e nem sempre estamos preparados para ultrapassar as situações que possam surgir no caminho, tais como: manias, fracassos não superados, falta de acolhimento e de aceitação do outro, traços de personalidade, imaturidade, ressentimentos, ira, desprezo, vulnerabilidades, não abertura ao outro, ódios, inseguranças, medos, agressões mútuas, mentiras, etc.

Há três aspetos que nos podem ajudar a assumir as fragilidades dentro do casal¹:

- * Reconhecer que cada um dos cônjuges chega ao casamento com os seus próprios fardos, necessidades e medos, ou mesmo fracassos, erros e limitações não assumidas, como baixa autoestima entre outras;
- * Aceitar que juntos na vida, podemos chegar ao ponto de nos magoarmos, ter atritos e desacordos, grandes dores e faltas de esperança, medo da solidão e que estas situações podem chegar a tornar-se irreversíveis;
- * Concluir que o amor conjugal é capaz de superar toda a fragilidade e que nos permite afirmar que nos conhecemos, que gostamos um do outro, que nos respeitamos e que assumimos as nossas debilidades.

Para que esta ajuda seja eficaz devemos aproveitar todos os momentos e oportunidade para melhorar a nossa relação, através do diálogo conjugal, comunicando os nossos sentimentos, tendo sempre presente no pensamento o desejo de fazer o outro feliz.

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

4.^a PARTE

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

«**Caindo em si**». É um caminho que ele nunca tinha seguido, vivia na periferia de si mesmo, no nível corporal, no nível afetivo, mas nunca tinha atingido essa clareza do coração; esse trilho estava demasiado emaranhado para conseguir atingir o fundo do seu ser. Mas eis que, na sua miséria, se expõe e reentra em si mesmo.

¹Baseado no livro “Viver em Casal, P. Manuel Iceta. Capítulo 2, Assumir a fragilidade.

E disse para si: «Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome?»

Mesmo assim ficamos um pouco admirados que a recordação da casa da família, que talvez nunca se lhe tivesse apresentado ao longo das semanas e dos meses, seja antes de mais a lembrança dos colaboradores do pai, da abundância em que vivia, em vez da tristeza desse pai que tinha visto o filho partir de uma forma um tanto ou quanto insolente.

Pois bem, sim, Cristo quer mostrar-nos um rapaz que regressa à casa paterna, que também tem melhores sentimentos, mas quer mostrar-nos um rapaz cujo arrependimento é apenas medíocre.

Durante algum tempo, perguntava ao Senhor, ao ler esta página: mas, Senhor, porque nos dás o exemplo de um pecador com uma contrição medíocre? Porque, em abono da verdade, é sobretudo porque tem fome que encara o regresso. E Cristo disse-me (não pensem que eu tenha visões ou revelações), fez-me compreender: “Se eu tivesse apresentado um rapaz que, ao pensar na tristeza do pai, chorava todas as lágrimas que tinha no coração, imaginas o que se teria passado? Ao ler esta página, os que não são capazes de uma verdadeira contrição dos seus pecados, fechariam o Evangelho dizendo: ‘Isto não é para mim, não sou capaz de chorar até às lágrimas pelos meus defeitos, pelas minhas falhas, pelos meus pecados.’ Pois bem, como queria mesmo era que todo o pecador fosse até ao fim da minha parábola, apresentei apenas o necessário: um pecador, que começa por ser guiado pelos seus interesses, mas que, mesmo assim, tem alguma contrição.”

4.ª PARTE

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. O delito de que foi acusado era muito sério; ele procurava explicar que não era culpado, mas não encontrava ninguém que acreditasse nele. Nesse momento deu-se conta de que não significava nada para a gente que o rodeava, que eles também se estavam a aproveitar dele e que era apenas um tipo com quem se estava de vez em quando, mas sem nenhum compromisso, sem afeto, sem sentimentos de solidariedade e, pior, de misericórdia. Compreendeu, então, até onde tinha chegado, como tinha perdido toda a credibilidade e que todos o viam capaz de fazer qualquer coisa. A vida que levava era totalmente diferente da que desejava e que tinha tido quando estava em nossa casa.

Bianca. O nosso filho compreendeu então que não podia continuar a viver como o que ele agora chama um “trol”, um personagem egoísta que apenas via os outros como fornecedores das suas necessidades sem dar nada em troca.

Essa experiência foi muito intensa para todos, mas fê-lo compreender a gravidade da sua situação.

Antônio. Não sabia se devia ou não acreditar na sua inocência em relação à acusação que lhe faziam. Ele jurava-me que não tinha feito aquilo, mas eu não podia ter a certeza e as circunstâncias acusavam-no. Pensei então que, antes de tudo, ele era meu filho e que, se alguém o ia julgar, não seria eu; assim, decidi ajudá-lo a defender-se das acusações.

4.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Maritza. Consegui compreender que Deus estava comigo e que era Ele o verdadeiro amor da minha vida e que eu também tinha falhado muito, já que era uma ciumenta doentia, que estava sempre a reclamar ao meu marido por coisas de que não tinha a certeza; que tinha de assumir a minha responsabilidade e começar a curar-me. Procurei um sacerdote para me confessar e contar toda a dor que ia dentro de mim, porque continuava sem compreender porque é que o meu marido me tinha deixado. Ele ajudou-me a ver que isto também me ia ajudar a mim; e comecei a rezar e a pedir a Deus que curasse o meu coração. Acreditava fielmente que, apesar de me ter afastado de Deus, Ele me ia ajudar, porque nunca pus em dúvida o nosso amor mútuo e Deus é fiel no amor. Comecei a dedicar mais tempo ao Senhor e, claro às minhas filhas. Uni-me mais a elas e falava-lhes para que compreendessem que há apenas um pai, que, embora tivesse saído de casa, as amava porque eram as suas filhas e que tinham de lhe perdoar.

Mário. A minha vida começou outra vez a tornar-se difícil, até porque como consequência da decisão que tinha tomado começaram a surgir situações que não eram fáceis de viver e de enfrentar.

Ainda recordo com muita tristeza vir deixar a minha filha mais nova em casa e ser rejeitado pelas nossas outras filhas. O desconsolo de regressar pelo mesmo caminho, sozinho, dorido e com lágrimas nos olhos, pensando porque tinha tomado aquela decisão errada.

Sabia dentro de mim que tinha cometido um erro, que a decisão tomada não era a correta e que isto apenas poderia levar ao fracasso da minha vida futura. Comecei a compreender o mal que tinha provocado na vida da minha mulher e nas das minhas filhas. Pus Maritza em risco ao ter de assumir o trabalho com o negócio que tínhamos aberto e que implicava sair de madrugada e enfrentar possíveis perigos. Pus em risco os estudos da nossa filha mais velha que, como que numa espécie de vingança, decidiu perder o último ano do secundário, o que foi muito complicado de superar, mas que, com a ajuda de Deus, se consegui.

Nas minhas reflexões também pensava como seria o meu futuro de adulto mais velho, talvez só, sem a minha mulher, sem as minhas filhas, sem ninguém que me acompanhasse e pudesse apoiar-me em algumas necessidades que eventualmente viesse a ter de enfrentar.

Também pensava por que tinha de assumir um duplo compromisso, uma dupla família, se, na realidade, já tinha a minha e por que razão me queria afundar mais numa vida sem futuro.

Tudo isto foi pesado na balança da minha existência, na decisão que tinha tomado e consegui compreender que me tinha enganado; que tinha deixado, por minha própria vontade, uma esposa que me amava e a quem eu também amava, umas filhas de quem gostava muito e que tinham optado por não retribuir.

Por razões óbvias terminei, deixando a pessoa com quem tinha partido. A partir da casa da minha mãe iniciei uma nova etapa que me foi abrindo as portas e que me ajudou a procurar e a recuperar o que era uma parte da minha vida.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 4.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Conhecemos os nossos próprios defeitos e debilidades e os do nosso cônjuge? Como sugerimos ao nosso cônjuge uma mudança ou uma melhoria sem o ofender? Tratamos o tema da fragilidade dentro dos nossos diálogos conjugais? Deus está sempre presente nas nossas decisões?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Sugerimos para este momento da reunião de equipa que os casais comentem as suas experiências de aprender a aceitar mutuamente as suas fragilidades e a melhorar como pessoas e casais no caminho para a felicidade, a santidade e o amor.

Sabendo que os testemunhos são muito enriquecedores dentro das reuniões, seria importante que um ou dois casais comentassem como superaram alguma fragilidade nas suas vidas.

É necessário que os casais tenham conversado e acordado previamente o assunto antes de o partilharem na reunião.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [2 Cor 12, 9-10; 15]

Mas Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza». De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo.

Por isso me comprazo nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.

Quanto a mim, de bom grado darei o que tenho e dar-me-ei a mim mesmo totalmente, em vosso favor. Será que, por vos ter mais amor, sou menos amado?"

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da equipa, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: "Escuta Senhor a nossa oração".

C. PARTILHA

Este capítulo envolve diretamente a reflexão em casal, pelo que recomendamos que este mês se dê ênfase a três pontos concretos de esforço: a Oração conjugal, o Dever de se sentar, e a Regra de vida.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

A vida em equipa ajudou-nos a converter em graça as nossas debilidades?

Que ajudas do Movimento nos foram úteis para nos conhecermos a nós mesmos, aos nossos cônjuges e aos membros da nossa equipa?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 103 [8-14]; Louvor pelas bênçãos de Deus. Salmo de David

R/. Bendiz, ó minha alma, o SENHOR.

O SENHOR é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor. Não está sempre a repreender-nos, nem a sua ira dura para sempre. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas.

R/.

Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que o temem. Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados.

R/.

Como um pai se compadece dos filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. Na verdade, Ele sabe de que somos formados; não se esquece de que somos pó da terra.

R/.

F. ORAÇÕES FINAIS

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL**

MAGNIFICAT

ANEXO 4

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Exortação Apostólica Familiaris Consortio, de João Paulo II (sobre a missão da família cristã no mundo atual, n.º 8).

Carta Encíclica Dives in Misericordia, de João Paulo II (sobre a misericórdia divina, n.ºs 5 e 11).

Alegria de Crer, Alegria de Viver. Francois Varillon, S. J.

A Trindade realiza perfeitamente o compromisso do Amor. Reflexão de Bento XVI. Série de meditações sobre os salmos e os cânticos da Bíblia. Secção «Audiência das quartas-feiras», Agência Zenit, 11 de Janeiro de 2006.

Reflexões aplicadas sobre o texto de Lowney Chris, *A Liderança ao estilo dos Jesuítas*. Editorial Norma, 2004, págs. 109-129.

CAPÍTULO 5

Reconciliação, sinal de amor



A DOR DAS NOSSAS FALTAS

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.’ E, levantando-se, foi ter com o pai.”

Lc 15, 18-20a

MEDITAÇÃO

O filho toma a decisão de regressar para junto do pai e começa a preparar o que lhe vai dizer para que o receba. Quer apelar ao vínculo entre pai e filho, fonte de amor e misericórdia, que se encontrava adormecido; renasce nele a esperança de voltar a considerar o pai como uma pessoa que daria o melhor aos filhos sem se importar com o seu sacrifício: “Qual de vós, se o seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente?” [Mt 7, 9-10].

Interiormente sabe-se amado pelo pai, pois o demonstrou no momento em que lhe deu a herança e o deixou partir.

Reconhece que as suas ações passadas, consequência da sua própria imaturidade, poderão ter causado ao pai uma grande desilusão e uma dor profunda, por isso a decisão está tomada, planeia regressar, sem desculpas nem tentativas de justificação, disposto a aceitar qualquer penitência que lhe seja imposta; há no filho uma mudança de mentalidade. Consciente das suas próprias limitações, começa a desenvolver uma atitude de humildade, não se sente importante, nem melhor do que os outros, não aspira a ter nenhum privilégio, apenas quer ser recebido na sua antiga casa.

Durante a nossa vida pessoal e conjugal, podemos muitas vezes cair em tentações ou cometer faltas, mas é muito importante que as reconheçamos e que, em vez de nos sentirmos derrotados ou incapazes, decidamos levantar-nos, procurar uma solução e seguir em frente.

Reconhecer que caímos, deixar de lado a soberba, aceitar a nossa debilidade e as más ações cometidas por falta de caráter e de amor, é o início da nossa conversão, da nossa reconciliação com Deus.

Devemos estar dispostos a aceitar as consequências das nossas faltas, elas ofendem a Deus e muitas deixam marcas nas pessoas que foram afetadas, pelo que se torna necessário compensar, de alguma maneira, o dano causado.

Neste processo de conversão o filho decide afastar-se do rumo que tinha escolhido anteriormente e que o levou a viver em pecado.

Como católicos, devemos ter sempre Deus presente como Pai. Ele é o nosso refúgio e a nossa força, a quem podemos acudir com a certeza de que nos vai ouvir. É com quem podemos conversar, contar as nossas faltas e penúrias e desabafar em qualquer momento, sabendo que nos acolherá com infinito amor. É a atitude que o nosso Deus Pai espera dos seus filhos.

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é levar-nos a meditar sobre o remorso, o arrependimento, o caminho de conversão e a penitência.

Nesta passagem da parábola do filho pródigo, Lucas deixa aberta a possibilidade de múltiplas interpretações relativamente à atitude do filho. O facto de querer aproximar-se do pai, foi apenas conveniência por causa da fome e da sua situação atual?

Como veremos mais adiante, nos documentos de reflexão, o Catecismo da Igreja Católica (N.º 1439) faz alusão direta à parábola objeto deste tema de estudo e reconhece que o filho reflete, se arrepende, se declara culpado, aceita uma penitência e decide regressar à casa paterna. É um processo, um caminho de conversão.

Reconhecer as nossas capacidades e limitações permite-nos aceitar e por sua vez corrigir as nossas faltas. É por isso que este capítulo convida a refletir sobre as decisões precipitadas e sem consenso, que normalmente causam danos, problemas e muita dor ou tristeza no contexto conjugal e familiar.

Diante das faltas, a primeira coisa que se espera é a aceitação por quem as comete e depois a correção; o ponto de partida da aceitação é o autocohecimento, fazer um exame de consciência e, depois, colocar-se nas mãos de

Deus, iniciando uma mudança pessoal que implica o remorso, o arrependimento e a conversão. Perguntemo-nos então, o que nos impede de reconhecer as nossas faltas?

Convém recordar que apenas reconhecer uma falta e estar determinado a corrigi-la não a soluciona até que se ponha em prática o propósito de emenda decidido.

O processo de conversão precisa necessariamente da oração e de uma profunda reflexão iluminada pelo Espírito Santo para encontrar o **caminho**, procurar a **verdade** e alcançar a plenitude da nossa **vida**.

Outro elemento a considerar é que de um dano, autoinfligido ou causado a outra pessoa, pode nascer uma dor ou tristeza. Dentro da relação conjugal, os desacertos, as faltas que cometemos, e as atitudes que não procuram a felicidade do nosso cônjuge mas tão só satisfazer o nosso egoísmo, vão provocar dor. A não aceitação e a resistência em reconhecer o mal causado vão aumentá-la, podendo comprometer todo o nosso ser (corpo e alma).

É mais dolorosa uma ofensa quando vem de uma pessoa amada, confirmando assim que a capacidade de sofrimento está diretamente relacionada com a capacidade de amar. Isto permite-nos afirmar que o remédio contra a dor e a tristeza é o amor.

Compete a cada um de nós descobrir qual o sentido que a dor tem na própria vida. O sofrimento não foi feito para ser compreendido, mas sim para ser combatido. Quando não tivermos resposta, a melhor forma de a encontrar é fixarmonos na Cruz, que é força de Deus como diz São Paulo em 1 Cor 1, 18: *“A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus.”*

A dor e a tristeza também podem ser superadas na família como em nenhum outro sítio. E não é só pela compaixão dos familiares, mas também porque quem sofre se sente mais seguro no contexto onde o acolhem e o amam, permitindo-lhe resistir até à dor mais profunda.

O Catecismo da Igreja Católica dá-nos alguns elementos para trabalhar e refletir sobre a dor das nossas faltas, o que nos leva a considerar o sacramento da Reconciliação, que também é chamado sacramento da conversão, da penitência, da confissão e do perdão¹, que nos foi entregue por Jesus com vista a uma reorientação radical das nossas vidas e a uma conversão a Deus.

¹ *Catecismo da Igreja Católica*. N.ºs 1423 e 1424.

A conversão do coração –a penitência interior– está orientada ao desejo e à resolução de mudar de vida; é uma obra da graça de Deus, que nos dá força para começar de novo¹.

Finalmente, contamos com outras formas de penitência na vida cristã: o jejum, a oração e a esmola, que expressam a conversão em relação a si mesmo, em relação a Deus e em relação aos outros².

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, N.º 1439

O dinamismo da conversão e da penitência foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do «filho pródigo», cujo centro é «o pai misericordioso» [Lc 15, 11-24]: o deslumbramento duma liberdade ilusória e o abandono da casa paterna; a miséria extrema em que o filho se encontra depois de delapidada a fortuna; a humilhação profunda de se ver obrigado a guardar porcos e, pior ainda, de desejar alimentar-se das bolotas que os porcos comiam; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de se declarar culpado diante do pai; o caminho do regresso; o acolhimento generoso por parte do pai; a alegria do pai: eis alguns dos aspetos próprios do processo de conversão. O fato novo, o anel e o banquete festivo são símbolos desta vida nova, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja. Só o coração de Cristo, que conhece a profundidade do amor do seu Pai, pode revelar-nos o abismo da sua misericórdia, de um modo tão cheio de simplicidade e beleza.

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

5.ª PARTE

“O FILHO PRÓDIGO”

«Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti». Vê-se, então, que há aqui uma certa tentativa de arrependimento. Mas a motivação profunda é mais interessera. «**Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros**». Ele diz para si

¹ *Catecismo da Igreja Católica*. N.ºs 1430 a 1433

² *Ibidem*. N.ºs 1434 e 1435

próprio: 'O meu pai é um homem bom, é verdade que não lhe posso pedir o impossível, retomar o meu lugar de filho lá em casa, mas ele não vai recusar tratar-me como um dos seus assalariados.' Este rapaz é um primário, no sentido atribuído pelos caracterologistas, isto é, alguém que mal acaba de pensar numa coisa a põe em prática. Tendo pensado nisso, levanta-se, pega no cajado e mesmo num alforge – não há certezas – deixa os porcos e põe-se a caminho.

«**E, levantando-se**». O rapaz tem isto a seu favor, ele não desespera, não se deixa ir abaixo. Há nele um potencial. Foi ter com o pai, sim, é fácil dizer que foi ter com o pai. Ao fim de alguns quilómetros já não pode mais, não come nada há dez dias, deita-se numa vala, retoma a estrada, apoiando-se no cajado. Mas, muito brevemente está outra vez esgotado, nem sequer está provado que à noite tenha conseguido encontrar um celeiro para dormir sobre o feno. Nem se consegue provar que lhe tenham dado uma côdea de pão. Não fazia a mínima ideia que tinha percorrido tantos quilómetros entre a casa da família e a terra longínqua onde tinha ido parar. Ah! É que quando partiu tinha as asas da liberdade nos calcanhares para se dirigir a essa terra longínqua mas, no regresso, tem o estômago nos calcanhares, o que faz toda a diferença. Questiona-se se alguma vez chegará à casa paterna.

«**E, levantando-se, foi ter com o pai**». Cristo, ao mostrar-nos a miséria deste filho, quer que tomemos consciência de que o pecado é precisamente dedicarmo-nos à miséria. No pecado, que pode ter aparências gloriosas no início, sacode-se a dependência de Deus, pretende-se conquistar a própria liberdade, não se consegue suportar o jugo, não se está disposto a depender de Deus, apenas de querer depender de si mesmo. Quantos dos nossos contemporâneos estão nesta situação! E é isso que os afasta de Deus! Pois bem! Desligar-se de Deus é dedicar-se à miséria! E era isso que Cristo ali nos pretendia mostrar! Mas quer mostrar-nos também que não está tudo perdido! E é isso que veremos mais adiante.

5.^a PARTE

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. A vergonha da acusação e o medo de ser preso fizeram com que o nosso filho procurasse a nossa ajuda, desta vez a sério. Entregou-se nas nossas mãos e aceitou fazer o que lhe disséssemos para se reabilitar e voltar a ser o jovem que tinha saído de casa. A SER O HOMEM QUE DEUS TINHA DESTINADO A SER.

Bianca. Contámos com a sua vontade para ser internado em centros de reabilitação sempre que foi necessário, o que lhe permitiu avançar, de cada vez, um

pouco mais. Isto só foi possível graças à misericórdia de Deus para conosco. Cada vez que entrava numa comunidade terapêutica fazíamos-lo saber que isso era sinal de valentia e que valorizávamos essa fortaleza. Esta ocasião não foi uma exceção. Às vezes era difícil ver o seu lado luminoso, porque os seus lados escuros obscureciam esse brilho. Inclusivamente às vezes pensávamos que a luz de Deus não brilhava nele. Mas mantínhamos viva a esperança de que o nosso filho tinha sido chamado por Ele para um propósito que encontraria mais tarde e que, entretanto, teríamos de continuar a lutar e a rezar.

António. Por outro lado, nós como pais, com a ajuda das terapias recebidas e os profissionais visitados, tínhamos vivido um processo de conversão. O olhar sobre o nosso filho era mais compassivo do que anteriormente, pudemos dar-nos conta de que, apesar de viver debaixo do mesmo teto que os irmãos e de receber as mesmas carícias e repreensões, tinha uma história pessoal que o tinha marcado de forma diferente. Compreendemos então que era o nosso filho especial e começámos a emendar os erros que tínhamos cometido com ele.

5.ª PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Mário. Compreendi o erro que cometi; pensando numa ilusão passageira, deixei o que desde o início tinha escolhido para a minha vida e com isso fiz sofrer a quem mais amava e também eu sofri; provoquei dor a muitas pessoas que gostavam de mim e, sobretudo, atraíçoei a confiança que Deus tinha depositado em mim.

Comecei a mudar a minha vida, fui-me aproximando aos poucos da minha mulher e das nossas filhas, de uma forma que pudesse criar nelas alguma confiança em mim, sem saber se o ia conseguir ou se elas poderiam perdoar os meus erros e o sofrimento que lhes tinha causado.

Nesse tempo fiz saber à minha mulher que tinha errado, que pretendia mudar e que tinha esperança de poder reconstituir a nossa vida. Sabia que isto poderia não ter resultados positivos, mas fi-lo com fé e humildade. Não sabia qual seria a resposta final das nossas filhas, já que também elas tinham sofrido muito e tinham perdido a confiança que tinham no pai. Como uma vez disse a nossa filha mais velha: *“É que eu tinha o meu pai num pedestal, caiu e partiu-se em pedaços; e agora, como o posso reconstruir?”*.

Hoje sei também que nesta etapa difícil da nossa vida não estivemos sozinhos; que muitas pessoas que nos conheciam e gostavam de nós estiveram em oração conosco, dando apoio a Maritza e pedindo a Deus pela minha conversão.

Maritza. O Mário provocou muita dor no nosso lar ao afastar-se e reconstruí-lo não ia ser fácil. Apesar de no meu pensamento eu dizer: no dia em que quiser voltar vou-lhe dizer que não, pois não merece esta família que o amava tanto. No entanto, quando me disse que queria regressar e reconstruir a nossa vida, não consegui dizer-lhe que não, amava-o demais e sabia que ele também me amava; que tinha cometido um erro e que não ia ser fácil emendá-lo. Disse-lhe então: sabes que te amo e é até que a morte nos separe; se queres voltar para a nossa casa primeiro tens de recuperar o amor e a confiança das nossas filhas.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 5.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Qual é a nossa conduta quando o nosso cônjuge está a viver dor e tristeza por uma falta cometida?

Que faltas do outro nos provocaram dor? Como as superámos?

O remorso implica necessariamente um arrependimento?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Os casais deverão ter conversado previamente em casa, para pôr em comum durante a reunião de equipa, algum episódio de dor, conversão ou arrependimento que tenha ocorrido durante a vida matrimonial e que possa servir de testemunho para ajudar outros numa situação semelhante.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [1 Jo 3, 1-6]

Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e, realmente, o somos! É por isso que o mundo não nos conhece, uma vez que o não conheceu a Ele. Caríssimos, agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é.

Todo o que tem esta esperança em Deus, torna-se puro, como Ele, que é puro. Todo o que comete o pecado comete a iniquidade, pois o pecado é, de facto, a iniquidade. E bem sabeis que Ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não há pecado. Todo aquele que permanece em Deus não se entrega ao pecado; e todo aquele que se entrega ao pecado não o viu nem o conheceu.”

REFLEXÃO PESSOAL

Esta leitura convida-nos a reconhecer o amor do Pai, a chegar a ser como Ele e a procurar não causar mal a outro, o que pode ocorrer em qualquer circunstância da nossa vida pessoal e na convivência conjugal.

Recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas.

ORAÇÃO EM EQUIPA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da comunidade, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: “Escuta Senhor a nossa oração”.

C. PARTILHA

Ao rever neste capítulo o remorso, o arrependimento, o caminho de conversão e a penitência, sugerimos que, durante o mês, façam muita oração pessoal e conjugal e um diálogo sobre o caminho de conversão ao longo do tempo de permanência no Movimento, e que elaborem regras de vida como resultado desse diálogo. Propomos também que, durante a semana, assistam a uma celebração eucarística e aproveitem para se confessar.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Como vivemos o sacramento da Reconciliação? Participamos nele com frequência?

A vida em equipa é útil para o nosso caminho de conversão? De que forma?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 51 [2-13]

R/. Cria em mim, ó Deus, um coração puro.

Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. **R/.**

Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados. Contra ti pequei, só contra ti, fiz o mal diante dos teus olhos; por isso é justa a tua sentença e reto o teu julgamento. **R/.**

Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado. Tu aprecias a verdade no íntimo do ser e ensinas-me a sabedoria no íntimo da alma. **R/.**

Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve. Faz-me ouvir palavras de gozo e alegria e exultem estes ossos que trituraste. **R/.**

Desvia o teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas culpas. Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito. Não me afastes da tua presença, nem me prives do teu santo espírito! **R/.**

F. ORAÇÕES FINAIS

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL
MAGNIFICAT**

ANEXO 5

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Homilia do Papa Francisco. *Confissão e Perdão dos pecados*.

Ricardo Yepes Stork. *“Entender el Mundo de hoy: Cartas a un Joven Estudiante”*. Ed. Rialp, 4.ª edición, 2001, págs. 133-134.

Enrique Rojas. *“Remédios para o Desamor”*. Gráfica de Coimbra, 2009, pág. 85.

Miguel Ángel Monge Sánchez - José Luis León. *“El Sentido del Sufrimiento”*. Ed. Palabra, S. A., 1.ª edición, 1998, pág. 19.

Juan Luis Lorda. *“Para ser Cristão”*, em *“O Conhecimento de Si Mesmo”*. Rei dos Livros, Coleção Éfeso, 1997, pág. 43.

CAPÍTULO 6

Reconciliação, sinal de amor

MISERICÓRDIA E PERDÃO, SINAIS DE AMOR

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés.’”

Lc 15, 20b-22

MEDITAÇÃO

Neste texto comovente sobressai a atitude compassiva e misericordiosa do pai ao ver que o seu filho regressa. As Sagradas Escrituras revelam-nos dois dos atributos do ser de Deus. A Compaixão: “Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus?” [1 Jo 3, 17] e o outro, a Misericórdia: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo” [Ef 2, 4, 5a].

Meditemos nesta atitude carregada de sentimentos, que nos permita conhecer a resposta que tem o nosso Deus Pai, que, cheio de compaixão e misericórdia, apesar das nossas faltas está sempre disponível, esperando ansioso pelo nosso regresso. Quando nos vê, corre a dar-nos o beijo efusivo de boas vindas. É um grande consolo ver Deus mostrar-se-nos como um verdadeiro Pai. Enche-nos de alegria saber que será sempre essa a sua resposta, porque a essência do seu ser é SER AMOR [1 Jo 4, 8].

Poderíamos aspirar a ser e a agir como um reflexo do nosso Pai celestial, com o nosso próximo?

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é reconhecer que Deus está sempre de braços abertos à espera de todos nós pecadores e que vem ao nosso encontro. É o coração do Pai misericordioso que nos perdoa sempre, nos acolhe e nos devolve a dignidade, nos redime. Somos perdoados pela graça de Deus e não pelos nossos méritos.

À imagem do Pai, o amor nos diferentes contextos da nossa vida, e de forma particular na vida do casal, deveria ser semelhante na atitude de acolher e perdoar sem condições.

É de valorizar o filho pródigo ao admitir a sua culpa, arrepender-se, decidir voltar humildemente para junto do pai e aceitar as suas condições. No entanto, apesar de todo o seu mau comportamento o que surpreende é que o pai reage de forma totalmente diferente daquela que esperava. Ele sai ao seu encontro para o perdoar, acolher e aceitar sem condições, devolvendo-lhe ainda a dignidade de filho.

Como diz o P. Henri Caffarel, “Deus não anda à procura daqueles cujos valores são dignos do seu amor; procura o pobre, no sentido bíblico do termo, quer dizer, o pecador, o insensato, o débil, numa palavra, aquele em quem encontra um vazio que é preciso preencher. Mas é aqui que o pecador, porque ignora essa qualidade do amor divino, pensa que Deus o vai menosprezar e, como São Pedro, dizer-lhe: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador!’. Pois bem, Deus não se vai embora e a miséria do pecador será como uma custódia na qual se manifesta o seu Amor” [Na Presença de Deus, Editorial Lucerna, 2008].

À imagem do Pai, o amor nos diferentes contextos da nossa vida pessoal e de casal deveria assemelhar-se à atitude do Senhor que acolhe e perdoa sem limitações.

Na vida conjugal, os cônjuges são chamados, pelo amor, a ajudarem-se mutuamente na santificação e na salvação. Por isso, quando um comete uma falta, grave ou menos grave, para se alcançar uma verdadeira reconciliação compete em primeiro lugar ao causador que a reconheça e que tenha um arrependimento sincero para se perdoar a si mesmo e, logo depois, pedir perdão ao seu cônjuge. Isto pressupõe duas condições: a primeira é que seja total e sem reservas e a outra é a vontade de não reincidir.

Esta é uma oportunidade para dialogar e fortalecer a relação matrimonial. Podemos refletir sobre os sinais com que manifestamos amor ao nosso cônjuge ou aquilo que nos impede de o exteriorizar. Muitas vezes assumimos que o outro se sabe amado, mas pode não o estar a sentir. Tomemos o exemplo do pai que

saiu ao encontro do filho, se lhe lançou ao pescoço e o beijou efusivamente. Quantas vezes nos emocionámos de alegria pelos esforços que faz o nosso cônjuge para aliviar uma situação que nos provocava dor? Felicitámo-lo e manifestámo-lhe a nossa alegria porque o seu “regresso” é maior do que a dor que nos causou a “sua partida”? Com esta atitude estaríamos a demonstrar-lhe que somos capazes de sentir por ele o verdadeiro amor.

É importante analisar as atitudes da vida comum que são contrárias ao amor como o egoísmo e distinguir o amor falso, como diz VonGebsattel: “Debaixo da bandeira do amor navegam muitas fragatas de egoísmo”. “Frequentemente este amor é simples vaidade, uma forma de autosatisfação, uma maneira de satisfazer uma necessidade afetiva ou sexual, ou uma espécie de compensação de outras carências. Não se pretende a felicidade do outro, mas sim, fundamentalmente, a própria felicidade e o próprio esplendor narcisista” [Rafael Llanos Cifuentes – Egoísmo e Amor].

É aconselhável trabalhar todos os dias para conquistar estes atributos divinos para os podermos aplicar em todos os aspetos das nossas vidas, recordando que amor sem compaixão nem misericórdia é interesse e que o que quer verdadeiramente amar deve necessariamente responder às necessidades do outro.

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

6.^a PARTE

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

O personagem principal da segunda parte já não será o rapaz, será o pai. E é aí que Cristo vai pôr em prática todos os recursos da sua imaginação e do seu coração, para nos tentar fazer descobrir algo desse pai admirável.

«Quando ainda estava longe, o pai viu-o». Isto deixa-nos compreender que o pai, desde há muitos meses, ia todos os dias até à beira da estrada, de onde se podia ver todo o vale e perscrutar o horizonte, sempre na esperança de ver uma pequena silhueta à distância. E todos os dias, ao cair da noite, ele regressava a casa.

É para nos falar do Deus todo-poderoso que Cristo nos mostra este Pai que todos os dias espia o horizonte esperando ver voltar o filho, o filho perdido.

Essa pequena silhueta no horizonte não teria sido reconhecida por outra pessoa. Mas, como alguém disse: O amor é a faculdade de adivinhar. Imediatamente,

o Pai, sem hesitar, disse: 'Aquele é o meu filho. Essa pequena silhueta titubeante no horizonte, titubeante não porque tenha bebido demais, coitado do rapaz, mas porque está esgotado de fadiga, é o meu filho'.

«E, enchendo-se de compaixão, correu». Somos assim surpreendidos e os que escutavam Jesus não podem deixar de ter ficado surpreendidos porque, para os Judeus, um pai que corria era totalmente insólito. Era renunciar à dignidade. Tem-se depois vontade de lhe dizer: Não esqueças a tua idade! Arriskas-te a ter um enfarte! Ainda por cima não é pedagógico! Espera por ele! Pois sim, talvez não seja pedagógico! Não é razoável! Talvez. Mas o amor nunca é razoável! É para nos fazer compreender a ternura de Deus Pai para com um pobre, um lamentável pecador.

Portanto, correndo chega junto do filho. Eu, no lugar do pai, admitindo que teria corrido, com as mãos nas ancas ter-lhe-ia dito: 'Então, então!' Desenganem-se! Lançou-se-lhe ao pescoço, como se fosse ele quem tivesse de pedir perdão ao filho. «Lançar-se-lhe ao pescoço» é para nos falar do Deus todo-poderoso em relação ao pobre pecador. E cobriu-o de beijos. O coitado do rapaz não esperava nada disto, fica totalmente surpreendido.

Um pai que desce à rua para receber um filho que vem de longe não é comum. Mas, em algumas culturas, o pai correr ao encontro do filho, nem pensar, é uma loucura. Isto não é concebível para nós. Talvez sim para uma mãe. Ela correrá na rua para receber o seu rapaz. O pai, raramente.

O que quer dizer que Cristo fez observações bastante insólitas. E que surpreenderam, que poderão mesmo ter escandalizado os que o escutavam, mas não o lamenta. Aí está uma forma de Cristo nos fazer descobrir o inimaginável amor do Pai do Céu, o incrível amor do pai do Céu, o escandaloso amor do Pai do Céu.

E o Evangelho continua: «Mas o pai disse aos seus servos». O pai e o filho retomam o caminho e dirigem-se para casa. E nos campos que rodeiam a casa vêem os servos e o pai chama-os. Quando chegam ao pé deles, os servos, que provavelmente não reconhecem este rapaz, este rapaz muito magro, que cheira mal, que pode parecer um vagabundo do mais baixo nível, ouvem o pai dizer-lhes para irem buscar uma túnica. Era assim que se acolhiam os hóspedes e os hóspedes de categoria, para os honrar. Era de resto muito agradável para o viajante, que tinha as suas roupas transpiradas e cheias de pó, ter uma túnica fresca, vestir uma túnica muito fresca e muito limpa.

Atenção! Antes disso, o pai tinha dito aos servos: depressa! Não vos diz nada, este depressa? A mim, recorda-me o que já vimos no início. Poucos dias depois, o filho mais novo partiu, estava impaciente por conquistar a sua independência.

Esse advérbio mostra-nos um pai impaciente – não digo que fosse por recuperar o filho, esta seria uma expressão desagradável– impaciente por ver o filho retomar o lugar na família. E é por isso que é preciso que os servos tragam uma túnica. E prestem atenção ao qualificativo, não deixemos escapar nenhuma palavra, nenhum qualificativo. ‘A melhor túnica’. Penso que os servos devem ter ficado muito admirados, desconcertados e diziam para si próprios: ‘Se calhar isto é mesmo um desperdício. Esse rapaz cheira a porcos e vamos dar-lhe a melhor túnica do nosso armário. Isto não é razoável.’ Mas o amor não é razoável. É para nos falar do Pai do Céu quando acolhe um pecador.

«**Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha**». O mais surpreendido acaba por ser o filho, que verdadeiramente não esperava nada disto.

«**Dai-lhe um anel para o dedo**». Mas o anel, atenção, não é um anel como esses que muitos de vocês usam. É o cunho, o selo que era usado para assinar os atos. E os servos não se enganam. E pensam: ‘O velho já não sabe o que faz. O vagabundo é capaz de vender a casa, os estábulos, os campos e o velho vai dormir sobre a palha, tal como nós. Não é mesmo nada razoável colocar o anel neste filho transviado.’

«Dai-lhe um anel para o dedo». Pois bem! O Senhor Jesus Cristo, apenas nos quer fazer compreender que perdoar é devolver toda a confiança. É o que Cristo fez com S. Pedro quando lhe perdoou e entregou a Igreja. “Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas”.

“Vejam os seus pobres pés”. «**Dai-lhe sandálias para os pés**», não as sandálias usadas pelos servos, mas os sapatos usados pelos patrões. «Dai-lhe sandálias para os pés», esses pobres pés ensanguentados e cobertos de pó.

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

6.^a PARTE

Ambos. Arrependido e cheio de desejo de mudar, o nosso filho aceitou voltar outra vez para a reabilitação; mas desta vez a sua atitude foi diferente, parecia seguro da sua recuperação e pediu para que o internamento não fosse prolongado porque sabia que não era necessário. Notava-se que tinha mudado e tanto os médicos como nós, os pais, acedemos ao pedido que tinha feito. Saiu da reabilitação com uma atitude diferente, muito mais madura e pedindo perdão por tudo o que a família tinha passado.

Bianca. Quando o nosso filho voltou, fiquei surpreendida quando António me pediu que preparasse uma refeição com o melhor que houvesse em casa para festejar o regresso, tendo, inclusivamente, brindado com vinho e contagiado todos com a sua alegria. A mesa estava mais enfeitada do que era costume. Havia motivos.

Eu conseguia perceber uma luz no meu marido, mas não compreendia bem como se estava a viver esta contradição em que, depois de nos ter dado tanto sofrimento, se festejava a sua chegada. Levantou a taça e deu ao nosso filho as boas vindas ao lar, confirmando o quanto o amava e desejava que permanecesse aqui são e salvo. Os irmãos ainda não tinham compreendido porque se festejava a chegada do filho que nos tinha causado tanta dor. Respeitavam a nossa convicção que era demonstrada na ação, mas sabíamos que não o compreendiam.

6.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Maritza. E Deus deu-nos a graça e o dom do perdão. Mário teve de trabalhar muito para que o pudéssemos perdoar. Cada vez que tinha sentimentos contra o meu marido rezava muito, pedindo a Deus que sarasse o meu coração e me desse a força para mostrar às nossas filhas que o nosso amor era verdadeiro, que Mário reconhecia ter-se enganado e que merecia esse perdão. Elas pouco a pouco foram vendo no pai essa mudança, essa entrega e esse amor por elas, o arrependimento pelo que tinha feito, que as amava com todo o coração e que queria recuperar o lar perdido.

Mário. O mais maravilhoso e significativo desta situação foi a resposta da minha mulher, Maritza, que, tendo como base o amor, a misericórdia e a força do perdão de Deus, aceitou que pudéssemos retomar uma vida e um matrimónio que se tinha desfeito em pedaços.

O amor, a esperança e a confiança depositada por Maritza foram tão grandes que permitiram a recuperação de um casal, de uma família que estava perdida. A força da oração, das súplicas a Deus e dos bons conselhos de muitas pessoas tiveram os seus frutos, conseguiram que, finalmente, pudéssemos reconstruir as nossas vidas, recuperar a nossa família e hoje, muitos anos passados, estar a viver uma etapa maravilhosa e muito diferente do nosso matrimónio.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 6.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Posso considerar-me compassivo ou, pelo contrário, sou indiferente diante do sofrimento dos outros?

De que maneiras Deus veio ao nosso encontro na nossa vida matrimonial?

Como manifestamos amor ao nosso cônjuge ou o que nos impede de o exteriorizar?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

O que é proposto neste capítulo convida os casais a fazerem uma avaliação no que diz respeito ao amor e ao perdão: no que falhamos, se sabemos perdoar, o quanto amamos e se o manifestamos.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Mt 18, 21-35]

“Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o Reino do Céu é comparável a um rei que quis ajustar contas com os seus servos. Logo ao princípio, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor ordenou que fosse vendido a mulher, os filhos e todos os seus bens, a fim de pagar a dívida. O servo lançou-se, então, aos seus pés, dizendo: ‘Concede-me um prazo e tudo te pagarei.’ Levado pela compaixão, o senhor daquele servo mandou-o em liberdade e perdoou-lhe a dívida. Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, apertou-lhe o pescoço e sufocava-o, dizendo: ‘Paga o que me deves!’ O seu companheiro caiu a seus pés, suplicando: ‘Concede-me um prazo que eu te pagarei.’ Mas ele não concordou e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto lhe devia. Ao verem o que tinha acontecido, os outros companheiros, contristados, foram contá-lo ao seu senhor. O senhor mandou-o, então, chamar e disse-lhe: ‘Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque assim mo suplicaste; não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?’ E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos até que pagasse tudo o que devia. Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração.»”

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas.

Recomendamos que seja dado ênfase à misericórdia, ao amor e ao perdão.

ORAÇÃO EM EQUIPA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da comunidade, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: “Escuta Senhor a nossa oração”.

C. PARTILHA

Diante de tantas perguntas que se nos podem colocar em relação ao amor, ao perdão, ao egoísmo, etc., é importante destacar o dever de se sentar e fortalecê-lo com a oração conjugal e a regra de vida.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Se Deus é misericordioso, significa que pode perdoar tudo ou há alguma condição?

É possível ter um referencial de amor?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 103 [2-13]

R/. Clemente e compassivo é o Senhor.

Bendiz, ó minha alma, o SENHOR, e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades.

É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e de ternura.

É Ele quem cumula de bens a tua existência e te rejuvenesce como a águia.

R/.

O SENHOR defende, com justiça, o direito de todos os oprimidos.

Revelou os seus caminhos a Moisés e as suas maravilhas aos filhos de Israel.

R/.

O SENHOR é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor.

Não está sempre a repreender-nos, nem a sua ira dura para sempre.

Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas.

R/.

Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que o temem.
Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados.
Como um pai se compadece dos filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem.
R/.

F. ORAÇÕES FINAIS

PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL
MAGNIFICAT

ANEXO 6

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Exortação Apostólica Amoris Laetitia. Papa Francisco. N.ºs 106 a 108 e 113.

Misericordiae Vultus. Bula de Convocação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Padre Henri Caffarel. *Na Presença de Deus.* Cem cartas sobre a Oração.

Rafael Llanos Cifuentes. *Egoísmo e Amor.* Editora Quadrante. pág. 94.

CAPÍTULO 7

Reconciliação, sinal de amor

O SENTIDO DA JUSTIÇA HUMANA FRENTE À JUSTIÇA DIVINA

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: ‘O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.’ Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse. Respondendo ao pai, disse-lhe: ‘Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.’

O pai respondeu-lhe: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.’”

Lc 15, 25-32

MEDITAÇÃO

Nesta parte da parábola Lucas mostra-nos alguns detalhes sobre o mais velho dos dois irmãos. Vemo-lo como um homem trabalhador que regressa a casa depois de um dia no campo e que se depara com a surpresa da festa que o pai tinha preparado pela chegada do irmão mais novo. Isto, em vez de o alegrar, irrita-o, mostrando-nos uma faceta de ressentimentos e de negação para com os dois.

Ressentimento contra o pai porque, até então, não tinha recebido dele nenhum reconhecimento pela sua lealdade e pelo trabalho esforçado, nem tinha permitido que disfrutasse dos seus bens com os seus amigos.

E contra o irmão mais novo, a quem se refere depreciativamente como “esse teu filho”, porque, apesar de ter esbanjado a fortuna vivendo libertinamente, quando regressa é recebido com as honras a que ele nunca tinha tido acesso.

Por um lado, o pai deixa entrever que o primogénito não necessitava de estímulos nem de prémios, pois devia saber que tudo lhe pertencia. Por outro lado, em relação ao filho mais novo o que o alegra verdadeiramente é saber que este não estava morto nem perdido. Também não se importou com todo o mal que tinha feito porque o mais relevante era o facto de ter regressado para o seu pai.

Estes versículos narram situações de vida com as quais muitos poderiam não estar de acordo no que se refere às decisões do filho mais velho e do pai. Dentro da ordem da justiça humana, o que o filho mais velho esperava era que o filho mais novo recebesse uma reprimenda ou um castigo, mas não que se fizesse uma festa para o receber.

Convém também meditar que não se dirige ao Pai para lhe perguntar o motivo da algazarra de música e de danças, mas sim a um criado, demonstrando falta de confiança no progenitor.

Diante da forma de proceder do pai, afloram os ressentimentos, insistindo na sua lealdade e obediência, mas se refletirmos sobre estes valores damos conta de que são aparentes porque esperava ser recompensado por eles; revela-se então que é um falso amor, um “amor com interesse”.

A resposta do pai é amor verdadeiro, nem sequer exige explicações nem desculpas, é o exemplo perfeito do amor misericordioso de Deus. Este relato maravilhoso ensina-nos que, apesar de todas as nossas ofensas, o que ele procura é recuperar o filho. A única coisa que é importante para ele é que esteja ao seu lado para o ajudar a reencontrar-se, a amadurecer e a converter-se.

Muitos podem classificar como injusto este ensinamento do amor de Deus, mas serve de referência diante de situações que podem ocorrer no ambiente familiar, onde o proceder deve ser sempre o de resgatar o que “estava morto” e devolvê-lo à vida, sem nunca o desprezar, nem censurar, ou pior, afastar. O critério divino de justiça é contrário ao humano.

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é tomarmos consciência da diferença entre a justiça humana e a divina. A justiça divina alegra-se pelo filho perdido que regressa. Ao contrário, na justiça humana, apesar de haver alegria, que resulta do perdão, alguns, por inveja, inconformidade, ciúmes, etc., sentem-se desgostosos porque o outro foi perdoado. Procura-se demonstrar que o perdão é sinónimo de amor e que devemos estar alegres por recuperar o irmão perdido.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, “a justiça é a virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A justiça para com Deus chama-se «virtude da religião». Para com os homens, a justiça leva a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum” [N.º 1807].

Para Platão e Aristóteles a justiça não é apenas uma virtude, mas sim a síntese de todas as virtudes.

No Antigo Testamento, justo é o homem que é fiel à aliança e cumpre a vontade de Deus, inscrita nos livros da Bíblia. Por outro lado, Deus é justo quando pactua com Israel, através da aliança, para a libertar e garantir o seu futuro, mas é também justo quando castiga a infidelidade dos judeus como pessoas e como povo.

O cumprimento da Lei (Torá) não estava apenas dirigido no plano divino, mas continha também uma série de preceitos que tinham em vista um ordenamento social e comunitário, com um conceito teocentrista da justiça e do governo, entendendo de forma igualitária tanto a lei divina como a terrena.

Pelo contrário, no Novo Testamento a justiça é dada pela fé em Jesus Cristo, pela redenção gratuita que o homem recebe como fruto da sua vida, paixão, morte e ressurreição, que é o sacrifício que por amor oferece a Deus para a salvação da humanidade. É a Nova Aliança, na qual entrega o seu próprio filho como oferenda expiatória.

A nova lei que Jesus Cristo instaura no mundo, como base para a justiça, é o amor a Deus e ao próximo, lei que está gravada no coração de toda a humanidade e que, em nós cristãos, é fortalecida pela ação do Espírito Santo nos sacramentos do Batismo e da Confirmação.

Nos versículos de Lucas 15, 25-32 a que se dedica este capítulo, o pai e o filho mais velho são as duas faces da moeda em que podemos identificar a justiça divina e a justiça humana.

Na justiça divina há o amor ao próximo, a misericórdia, o perdão, o acolhimento. Está orientada para Deus e foi revelada pelo Pai através dos profetas e, sobretudo, através da vida, paixão e morte do seu filho Jesus Cristo. A ela recorremos, às vezes como última instância, perante qualquer falta ou injustiça. Ela dá descanso e paz à alma daquele que a reclama, e ao mesmo tempo exige-lhe que se deixe guiar na vida pelo amor e pela misericórdia.

Pelo contrário, a justiça humana está orientada para o mundo, é imperfeita, age na sociedade, onde se considera que toda a culpa deve ser sancionada.

Em algumas ocasiões, marca na pessoa afetada uma mancha indelével como um antecedente que a acompanhará por toda a vida e que será objeto de discriminação e de rejeição.

Muitas vezes é para nós complexo procurar encaixar certas situações da vida dentro do contexto sobrenatural da justiça divina, porque os nossos recursos e dimensões naturais são limitados e não conseguimos entendê-las, pelo que vamos recorrer ao ensinamento moral da Igreja para tratar da virtude da justiça.

São Tomás de Aquino define a virtude como “bons hábitos” e o contrário como “maus hábitos”, a que chama “vícios”. Todas as virtudes têm excessos ou carências, como por exemplo na virtude da ordem à sua falta chamamos “desordem” e ao excesso “mania ou obsessão pela ordem”.

A virtude da justiça, cuja ausência é a injustiça, é a única que não tem excessos, porque a justiça se fundamenta em dar a cada um o que lhe cabe e não pode, portanto, receber mais, sendo esta a grande diferença que existe e em que se pode identificar a ação da justiça divina, própria de Deus, que vai muito para além do que corresponde a uma justiça humana, superando qualquer critério e identificando-se sempre como uma resposta de amor. A partir desta compreensão da justiça, a lição de Deus é sempre procurar e esgotar todos os meios para a salvação dos seus filhos.

Dentro da vida conjugal e familiar devemos questionar-nos e analisar cada uma das nossas decisões quando, por mau costume, julgamos o outro por qualquer divergência ou conflito. Isto não favorece a solução de uma situação, antes pelo contrário pode ampliar o problema por causa das censuras e ressentimentos que se geram, prejudicando a relação.

Por conseguinte, nós casais, devemos interrogar-nos qual deve ser o nosso comportamento face a situações aparentemente injustas? Ao julgar o outro, o que pretendemos? Queremos mostrar que temos sempre razão e, que assim, ganhamos?

Para encontrar a forma de resolver os problemas, o essencial é procurar a ajuda de Deus à luz do Evangelho, para que seja o próprio Cristo a falar connosco e a ajudar-nos a ser justos e misericordiosos. Além disso, devemos recordar que uma das graças com que conta o nosso movimento, é termos um sacerdote como conselheiro espiritual ou um acompanhante espiritual, que nos dará todo o seu apoio e esclarecimento para encontrar soluções. Um outro suporte será também a ajuda mútua da equipa.

Vale a pena recordar o que diz São Paulo sobre as virtudes teologais na Carta aos Coríntios [1 Cor 13, 13]: *“Agora permanecem estas três coisas: a fé, a*

esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor.” Aplicar isto à vida conjugal significa que, por amor, as minhas respostas serão as do Pai e não deverei julgar nem questionar, antes sim ter a capacidade de viver amando como Ele ama.

Para aplicar a justiça divina na nossa relação conjugal e familiar é recomendável praticar algumas virtudes humanas como o respeito, a fidelidade, a generosidade e a humildade, tendo em vista melhorar o nosso comportamento quotidiano, procurar o bem do outro e manter convivências felizes para conseguir a santificação do outro, tal como nos diz o Novo Testamento em [1 Cor 7, 16] *“Com efeito, ó mulher, sabes se podes salvar o teu marido? E tu, ó marido, sabes se podes salvar a tua mulher?”* e em [1 Pe 3, 1] *“Vós, também, ó mulheres, sede submissas aos vossos maridos, para que, mesmo se alguns não creem na Palavra, venham a ser conquistados, sem palavras, pelo procedimento das suas mulheres”*.

7.^a PARTE

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

«Ora, o filho mais velho estava no campo» e, no regresso, depois de ter trabalhado arduamente, coloca as ferramentas ao ombro e dirige-se para casa e, à medida que ao regressar se aproxima de casa, parece-lhe ouvir música e danças. Não há outras casas nas proximidades para além da casa da família. Não é possível! Avança, mas é mesmo isso que está a acontecer. Música e danças. Perturba-se-lhe então o coração. O que é isto? Chama um dos servos, certamente um dos servos que teria acabado de sair da sala do festim talvez para procurar um tronco de lenha ou uma garrafa de vinho, e pergunta-lhe o que se está a passar. É preciso ter em conta que este servo não é um grande psicólogo, não frequentou a Escola Nacional de Administração, nem é um grande diplomata e responde de chofre: **‘sabes, «o teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordoporque ele chegou são e salvo»’**.

«Encolerizado, não queria entrar». Jurou que não voltava para casa. Aqui o Evangelho não nos diz nada, mas é preciso acrescentar as palavras que faltam. O servo voltou para dentro de casa, foi ter com o pai, inclinou-se para lhe falar ao ouvido e disse-lhe: **‘Sabes, o teu filho mais velho é verdadeiramente o mais velho.’** Na sua alegria, o pai tinha-se esquecido que havia um filho mais velho.

Pois bem, o que é que se passa? Não quer voltar para casa, está furioso. Eu, se estivesse no lugar do pai teria dito: 'Olha, tu vais procurá-lo e dizer-lhe que se tem ciúmes, como se fosse um garoto de doze anos, o que tem a fazer é ficar onde está.' Mas o nosso Pai não é assim.

«Mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse». Suplicou-lhe então, o que não é realmente razoável, mas o amor não é razoável. E suplicou a esse filho de mau humor, a esse filho furioso que respondeu ao pai: 'O quê? **«Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua»**'. Não era uma pessoa qualquer, este filho mais velho. Sendo o verdadeiro justo, o homem virtuoso, «nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos». E eis que se torna agressivo para com o pai. Mas **«agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes»** – não sabe nada do que se passou, mas não se arrepende de humilhar o irmão– e de resto diz-lhe: 'O teu filho', não diz: 'O meu irmão'. Não quer ter nada em comum com aquele rapaz. 'Quando ele regressou, para ele **«mataste-lhe o vitelo gordo»**'.

E então o pai, quase que insultado pelo filho, respondeu-lhe: «Meu filho»; é a expressão que a Virgem Maria usou quando encontrou Jesus no templo. É assim que ele se dirige a esse filho mais velho que o insulta e que não mostra nenhuma contrição, mas que tem por ele uma devoção amarga, acre.

«Filho, tu estás sempre comigo». Tem uma certa candura este pai, como se fosse o cúmulo da felicidade para um filho estar sempre com o pai. Cristo quer falar-nos dessa felicidade dos homens poderem estar sempre junto a Deus, de partilharem a vida de Deus.

«Tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu». Aí está uma coisa de que ele nunca teria suspeitado. É para nos falar de Deus, da relação de Deus com os homens, de Deus que quer que saibamos que ele pretende oferecer-nos todas as suas riquezas. **«Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado».**

E ficamos com a sensação de que o filho mais velho permanece na sua atitude amarga, hostil. E acabou-se a história. Não, a história não se acabou. Há ainda o ponto final que nos diz muita coisa. Na continuação da história, o que aconteceu ao filho mais velho? Entrou na sala do festim? Não sabemos. A parábola está truncada, mutilada, mas faz todo o sentido. E, para compreender este ponto final, é preciso pensar que entre os que O escutavam não havia apenas pessoas de bem. Todos esses homens e mulheres que escutavam Jesus com tanta alegria pareciam pessoas muito simples, pessoas do povo, mas havia também escribas, fariseus, envoltos na sua dignidade virtuosa, que procuravam

apanhar falhas em Jesus, que não lhe perdoavam a impiedade, uma vez que Jesus era considerado um ímpio porque se ia sentar à mesa dos pecadores. E uma história assim apenas poderia fazê-los reagir violentamente.

Jesus dirige-se a eles. Se há um ponto final não se sabe. Jesus quer deixar-lhes todas as hipóteses. O filho mais velho representa os fariseus e Jesus não decide se o filho mais velho voltou para a festa ou ficou do lado de fora. E, no entanto, sabemos a história! Os fariseus não voltaram a entrar na sala da festa.

7.^a PARTE

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

Ambos. O nosso filho passou a ter uma vida livre de consumo. Mas, sobretudo, sarou grande parte das feridas que o levaram a essa situação. Aliou-se ao Santíssimo e encontrou n'Ele o seu maior benfeitor. Estabeleceu uma relação com Deus e afirma que foi Ele quem lhe deu a ideia do trabalho que hoje o fez amadurecer, sentir-se uma pessoa útil e funcional. Conseguiu contribuir psicológica, material e espiritualmente para a família. Já se conseguem ver as suas luzes e, embora haja algumas sem brilho, acreditamos que, perseverando na oração, o nosso filho será um apóstolo fiel do Senhor. Se Ele o permitir, irá manter a sua cura diária.

Porém, os irmãos demoraram algum tempo a ter isso como garantido. Ainda que se sentissem felizes com o que tinha mudado, temiam que voltasse a falhar.

Bianca. Desse processo por parte dos nossos filhos, que sabíamos estar a acontecer, recordo que um momento doloroso foi dar-me conta de que um deles, talvez o que mais se esforçou por racionalizar este drama, tinha entrado em desespero. Tristemente acreditava que o irmão mais velho nunca iria mudar. Recordo a dor diante das suas palavras, pronunciadas durante uma terapia familiar e em frente de todos os irmãos.

7.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Mário. A alegria de receber o perdão e a misericórdia de Deus através da minha mulher e das nossas filhas teve os seus momentos complicados, pois houve pessoas que perguntaram à Maritza como era possível voltar para quem a tinha deixado e enganado, que não merecia perdão, que estava errada.

Também o regresso a casa não foi fácil. No início foi muito difícil recuperar a confiança e às vezes muito doloroso. E era lógico que fosse assim, pois tinha-se quebrado uma vida, uma relação de muitos anos. Mas não estava sozinho,

contava com a ajuda de Deus, com a oração e com uma boa dose de humildade para aceitar muitas perguntas, muitos momentos de más recordações e de choro.

Maritza. Não foi fácil para mim dizer ao meu marido para voltar, tinha os meus amigos e a família contra, eles que estiveram a meu lado no meio de tanta dor e não conseguiam compreender por que é que eu tomara a decisão de perdoar e de recomeçar. Diziam-me que ele o voltaria a fazer; para não contar com o apoio deles se voltasse para o Mário e que não o deixariam entrar nas suas casas, que não iriam falar com ele e muitas outras coisas. Decidi seguir em frente na reconstrução do nosso matrimónio; confiada em Deus, disse-lhe: ‘creio em ti e confio em ti, ajuda-me a ser feliz ao lado do meu marido e filhas o tempo que tu quiseres; aceito o que me quiseres dar, mas preciso de me curar para lhe perdoar’. Cada vez que me assaltava a dúvida, apertava o meu coração com a minha mão e dizia ao Senhor: ‘cura-o, cura-o’. E foi assim que aconteceu.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 7.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Reconheço-me capaz de ter a atitude misericordiosa do Pai?

O que podemos fazer para ter a atitude misericordiosa do Pai?

Identifico-me com alguma das atitudes do filho mais velho?

Que virtudes fazem falta na nossa convivência conjugal?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Convidamos os casais a pôr em comum, tendo estado previamente de acordo, sobre alguma situação de vida que envolva a justiça e a misericórdia, dentro ou fora do casal.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Mt 20, 1-16]

“Com efeito, o Reino do Céu é semelhante a um proprietário que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para a sua vinha. Saiu depois pelas nove horas, viu outros na praça, que estavam sem trabalho, e disse-lhes: ‘Ide também para

a minha vinha e tereis o salário que for justo.' E eles foram. Saiu de novo por volta do meio-dia e das três da tarde, e fez o mesmo. Saindo pelas cinco da tarde, encontrou ainda outros que ali estavam e disse-lhes: 'Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?' Responderam-lhe: 'É que ninguém nos contratou.' Ele disse-lhes: 'Ide também para a minha vinha.' Ao entardecer, o dono da vinha disse ao capataz: 'Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até aos primeiros.' Vieram os das cinco da tarde e receberam um denário cada um. Vieram, por seu turno, os primeiros e julgaram que iam receber mais, mas receberam, também eles, um denário cada um. Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo: 'Estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o cansaço do dia e o seu calor.' O proprietário respondeu a um deles: 'Em nada te prejudico, meu amigo. Não foi um denário que nós ajustámos? Leva, então, o que te é devido e segue o teu caminho, pois eu quero dar a este último tanto como a ti. Ou não me será permitido dispor dos meus bens como eu entender? Será que tens inveja por eu ser bom?' Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos."

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas.

Recomendamos que seja dado ênfase à justiça e à misericórdia.

ORAÇÃO EM EQUIPA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da comunidade, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: "Escuta Senhor a nossa oração".

C. PARTILHA

Um retiro espiritual seria o momento propício para refletir sobre as injustiças que cometemos nas nossas vidas, individualmente e como casal. Se não for possível o retiro, uma alternativa será a oração pessoal e conjugal, juntamente com as regras de vida. Disponhamos os nossos corações para partilhar com os outros membros da nossa equipa os sentimentos que despontaram ao pormos em prática estes pontos concretos de esforço.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Numa primeira abordagem, poderá parecer muito difícil de cumprir ter a atitude misericordiosa de Deus diante das dificuldades que se nos apresentam na vida. Como cristãos em busca da verdade e do bem somos motivados a procurá-Lo e a escutá-Lo para agirmos como Ele. Vale então a pena interrogarmo-nos:

Se não sou misericordioso, será por falta de fé?

Que virtudes nos fazem falta ou em quais temos debilidades e como podemos fortalecê-las para conseguirmos ser misericordiosos?

Diante das faltas do nosso cônjuge, prevalece a justiça humana ou a misericórdia?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 51 [3-17]

R/. Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade.

Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. **R/.**

Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados. Contra ti pequei, só contra ti, fiz o mal diante dos teus olhos; por isso é justa a tua sentença e reto o teu julgamento. **R/.**

Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado. Tu aprecias a verdade no íntimo do ser e ensinas-me a sabedoria no íntimo da alma. **R/.**

Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve. Faz-me ouvir palavras de gozo e alegria e exultem estes ossos que trituraste. **R/.**

Desvia o teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas culpas. Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito. Não me afastes da tua presença, nem me prives do teu santo espírito. **R/.**

Dá-me de novo a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso. Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos e os pecadores hão de voltar para ti. **R/.**

Ó Deus, meu salvador, livra-me do crime de sangue, e a minha língua anunciará a tua justiça. Abre, Senhor, os meus lábios, para que a minha boca possa anunciar o teu louvor. **R/.**

F. ORAÇÕES FINAIS

PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL

MAGNIFICAT

ANEXO 7

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Resumo da cataquese do Papa Francisco sobre a Justiça Perfeita e a Misericórdia Infinita. 3 de Fevereiro de 2016. <https://zenit.org/>.

Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, de João Paulo II, sobre a Misericórdia Divina. N.º 4, 11.º parágrafo.

Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, de João Paulo II, sobre a Misericórdia Divina. N.º 5, 5.º parágrafo.

Joachim Jeremías. *Abba y el Mensaje Central del Nuevo Testamento*. Biblioteca de Estudios Bíblicos. Ediciones Cristiandad, 1977.

CAPÍTULO 8

Reconciliação, sinal de amor

A ALEGRIA DO REENCONTRO

1 – ESCUTA DA PALAVRA

“Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.” E a festa principiou”.

Lc 15, 23-24

MEDITAÇÃO

Toda a festa é sinónimo de celebração e, neste caso, a passagem mostra-nos o motivo: “um filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado”, quanta alegria demonstra o pai que quer festejar a ocasião e, sendo essa a atitude natural de todo opai que encontra o filho perdido, a forma de o manifestar é com uma festa cujo sentido é participar e partilhar com os outros a sua alegria. O Evangelho relaciona o júbilo e a alegria com a esperança, porque a alegria é fruto do gozo e o gozo fruto da esperança. “Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo”. [Rm 15, 13].

A esperança enquanto mãe da “espera” traduz-se no desejar que qualquer coisa aconteça e com o apoio da fé acreditar que vai acontecer, sendo isto o que mantém viva uma alegria, um anseio, uma cura, um desejo ardente, um regresso. “Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração”. [Rm 12, 12].

Então, partindo da fé, não devemos perder a esperança porque sabemos que o verdadeiro amor jamais abandona e nunca falha. É a presença destas três virtudes teologais, infundidas pelo mesmo Espírito, que nos permite viver em permanente alegria, manter os sentimentos intactos diante daquele que amamos, esperar com os braços abertos e participar do gozo do reencontro.

Além disso, a ação do Espírito Santo manifesta-se em nós mediante os seus frutos, sendo um deles a alegria, que nos compromete a ser seus portadores e a

dar testemunho em todos os momentos das nossas vidas, de forma especial dentro da família. Estes frutos são mencionados em [Gal 5, 22-23]: “Mas, o fruto do Espírito é *amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio*. Contra estas coisas não existe lei”.

2 – APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO E ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO

O objetivo do capítulo é motivar-nos a viver em plenitude a alegria do reencontro. Celebramos também o gozo do regresso, o sentimento do acolhimento, o valor do arrependimento, a conquista da conversão, o júbilo do perdão, a graça da misericórdia, o início de uma nova vida em autêntica liberdade. Definitivamente, festejamos o Amor.

“A alegria é um movimento natural da alma que se sabe detentora de bens. Conforme os bens que sejam possuídos, assim será a alegria que produzem. Há uma alegria que resulta de satisfazer as necessidades elementares como comer ou beber. Outra que se produz quando nos fazem uma oferta ou obtemos algum bem material: uma casa, um carro, quando nos pagam um salário, quando nos sobem o ordenado, etc. Mas nenhuma é tão forte e tão intensa como a que produz o amor: o saber-mo-nos amados e compreendidos. O amor é o maior bem que o homem pode possuir. Por isso o amor é o que produz maior alegria.

E dentro do amor, o mais estável, o mais firme, o mais fiel e o mais poderoso é o amor de Deus. Os cristãos sabem-se amados por Deus, que os trata como seus filhos. Por isso, a alegria é a tônica natural da vida cristã: a alegria é consequência necessária da filiação divina, de nos sabermos queridos e prediletos pelo nosso Deus, que é Pai, que nos acolhe, nos ajuda e nos perdoa. Se nos sentimos filhos prediletos do nosso Pai do Céu, e se o somos, como não estar sempre alegres? Pensa nisto¹”.

Na vida conjugal há situações em que se vive uma relação tensa e outras em que se vive uma relação de gozo e de alegria; isto mostra-nos que existem diferentes tipos de personalidades que refletem vários estados de alma. No entanto, estes estados de alma não têm só origem nas características pessoais

¹ Juan Luis Lorda “Para Ser Cristiano”. Décimo quarta edición. Ediciones Rialp, S. A. Tema 10 “La Alegría” págs. 109 a 111.

mas podem resultar de outras causas como doenças, luto, perda de trabalho, entre outras. Mas vale a pena questionarmo-nos sobre certas atitudes de desânimo que não devem fazer parte da nossa condição de cristãos. Sendo os únicos responsáveis por poder mudá-las, devemo-nos perguntar: porque demonstramos mais frequentemente tristeza do que alegria? As causas poderão ser muitas, mas considerando o seu efeito na vida conjugal, constata-se que na maioria dos casos resultam de decepções, faltas de respeito, ressentimentos não resolvidos, incompreensão permanente, sentimento de abandono, falta de amor, não se ser valorizado e outras.

De forma providencial e recebendo-o como uma oferta da graça, foi-nos dado para analisar o desenvolvimento maravilhoso da parábola do filho pródigo, que é um verdadeiro ensinamento sobre o agir e o Ser de Deus, onde podemos encontrar respostas para as dificuldades e situações complexas dentro do contexto familiar.

Finalmente, somos chamados a mantermo-nos fiéis ao amor de Deus vivendo com os dois mandamentos que o Senhor nos deixou: *“O primeiro é: Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.”* [Mc 12, 29-31].

No entanto, podemos perguntar-nos como chegar a amar assim? Na nossa natureza humana, debilitada pelo pecado original, isto parece algo muito difícil de alcançar, embora a experiência nos permita afirmar que é possível. A resposta é confirmada pelo próprio Jesus e pelos santos, que o conseguiram, não só com os seus conhecimentos, a sua luz, ou as suas decisões, mas também pelos seus esforços e a sua perseverança que lhes permitiram ultrapassar os seus limites. Eles compreenderam que todos nós somos chamados a participar na alegria do Reino de Deus e a ser missionários, para cumprir o seu plano de a todos salvar: *“Digo-vos Eu: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.”* [Lc 15, 7].

Na convivência conjugal, para podermos dar testemunho como casais cristãos alegres e felizes, é conveniente que desenvolvamos atitudes de não julgar, não separar, não condenar, mas antes de respeitar, acolher e festejar o outro, deixando claro que estas atitudes não se referem à aceitação do pecado ou de qualquer coisa errada que se fez, mas sim à aceitação incondicional da pessoa. Esta é a forma de festejar o regresso do ser amado, o reencontro e de procurar também a nossa santidade que se alcança ao “viver amando como Deus ama”, porque para Deus todos somos seus filhos e jamais deixará de nos amar.

3 – DOCUMENTOS DE REFLEXÃO

8.^a PARTE

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“O FILHO PRÓDIGO”

Os servos querem partir para trabalhar no campo. O pai detém-nos e pede-lhes: «Trazei o vitelo gordo». Isto a nós não nos diz nada, leitores do século vinte e habitantes da cidade, o vitelo gordo. Mas é preciso saber que, numa quinta na Palestina, nesta época o vitelo gordo era uma grande personagem estando destinada para uma grande festa, como por exemplo, o casamento do filho mais velho. Então os servos sentem este pedido como um sacrilégio. Matar o vitelo gordo para aquele rapaz?

«Trazei o vitelo gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa». Que ideia é essa de fazer uma festa? O pai vai convidar tocadores de flauta e de tamborim, vai oferecer um grande banquete, mas não nos enganemos. A festa não são apenas as festividades exteriores; a festa acontece no coração do pai. E porque há festa no seu coração Ele quer que toda a casa festeje e todos rejubilem com Ele. Isto fala-nos de Deus a acolher um pecador. ‘Há mais alegria no céu por um pecador que regressa’, diz Cristo numa outra passagem.

Um dia um rabino contou uma história aos seus alunos: fá-los compreender que, pelo pecado, o homem corta o fio que o liga a Deus. Mas quando o homem se arrepende e volta para Deus, então Deus pega nas duas pontas do fio e dá um nó para religar o pecador com Ele; mas, ao dar o nó, o fio fica mais curto. Assim, o pecador fica mais perto de Deus depois do pecado do que antes. E, se se cometeram vários pecados, penso que será então uma corda cheia de nós que nos liga a Deus. É lógico. E como os servos estão totalmente desorientados, o pai dá-lhes uma explicação: porque este meu filho estava morto e reviveu... Gostaríamos de dizer ao Senhor que é um tanto enfático dizer ‘estava morto’, ‘estava morto’... sim, na verdade não estava em bom estado. Mas daí a considerá-lo como morto! Mas é como se Cristo esquecesse o simbolismo e a parábola para nos falar da realidade. Porque, de facto, um pecador é um morto. Um corpo sem alma é um cadáver, mas um corpo e uma alma sem o Espírito Santo é um morto, é um cadáver espiritual. Ele estava perdido, foi reencontrado e começaram a festejar.

TESTEMUNHO DE BIANCA E ANTÓNIO

8.^a PARTE

Ambos. Quando o nosso filho deixou a sua dependência, os irmãos e nós próprios também estávamos diferentes e começámos uma nova vida em família com este filho que vinha renovado e a viver verdadeiramente.

Acreditamos que, depois desta experiência ele será capaz de explicar o que significa viver no amor. Nós próprios também o poderemos fazer. O Senhor ofereceu-nos esta oportunidade. Permanecemos na expectativa quanto ao que Deus quer para ele e confiamos em que será misericordioso, como sempre foi, ao longo deste caminho amoroso.

Pouco tempo depois, um homem de Deus apresentou-se-nos. Propôs-nos que nos juntássemos a ele em alguns projetos solidários a favor de um sector vulnerável. Mas ao fim de algum tempo percebemos que o verdadeiro e grande projeto a que Deus nos tinha ligado era o nosso filho. O mais vulnerável estava junto de nós e era a nossa prioridade nesse momento. Esse homem sábio conduziu o nosso filho de regresso à Casa do Pai, viveu com ele uma experiência muito profunda de cura, deu-lhe a conhecer Deus, fê-lo compreender as suas próprias feridas e conseguiu trabalhar sobre elas. Foi um tempo de espera até ver qual era o passo seguinte que devíamos dar juntos para continuar esta dinâmica que já parecia chegar ao fim.

Nunca deixámos de fazer o que quer que fosse por ele. Quando esperávamos em silêncio na sua ausência, respeitávamos sua liberdade – a liberdade de que o nosso filho disfrutava, mas fazia-nos sofrer a forma que tinha escolhido para a usar. Continuávamos a rezar incansavelmente. Era esta a fonte de tranquilidade que nos permitia voltar a disponibilizar recursos para reiniciar as várias tentativas de salvar o nosso filho. Nos meses em que estava ausente recarregávamos a alma para voltar a começar.

Compreendemos que a nossa vida não era um drama, que era uma vida de bênçãos e que esta dor fazia parte dela. Sabíamos-lo os dois. Deus não se cansava de nos mostrar o quanto nos amava. Agora sabemos que a nossa existência não teria sido igual se não tivéssemos passado por esta experiência. Ligado ao sofrimento que se incorporava de forma natural, contávamos também com a aceitação de que isto fazia parte das decisões que o nosso filho ia tomando. Sabíamos do poder transformador da dor, permitimo-nos vivê-lo e, de certa forma, ter gozo nele para o bem da nossa família, procurando incorporá-lo com toda a alegria que o espírito nos permitia.

Nunca perdemos a esperança. Pensávamos no nosso filho “grande”. Deus tinha de ter traçado um plano para que ele passasse por esta *via crucis*, talvez para que todos nós aprendêssemos a maior lição das nossas vidas: amar incondicionalmente sem desperdiçar nada para Ele.

8.^a PARTE

TESTEMUNHO DE MÁRIO E MARITZA

Mário e Maritza. Na realidade o nosso Deus Pai foi maravilhoso para nós, amou-nos e ama-nos tanto que ficou feliz por nos unir de novo, por nos fazer crescer como casal, como família, como cristãos.

Temos a absoluta certeza de que, para isso, se serviu das muitas pessoas que estiveram connosco, que não nos deixaram sós, de quem sabemos as orações, os jejuns, os esforços. Tudo isto foi escutado pelo Senhor, que celebrou uma grande festa para nós e connosco.

Hoje vemo-nos como uma fénix que ressuscitou das cinzas e levantou voo, sendo testemunhas e ajuda para muitas pessoas que, por diversas razões, experimentam situações iguais ou parecidas às nossas. Pusemos as nossas vidas ao serviço das Equipas de Nossa Senhora, ao serviço da Igreja, ao serviço dos casais.

Também as nossas filhas, que viveram a dor da separação e depois a maravilhosa experiência da conversão e do perdão entre nós, quando tomaram a decisão de se unirem aos seus maridos, casaram-se na Igreja Católica, confiando na graça do Sacramento do Matrimónio como prenda de Deus.

Hoje vemos claramente que as coisas se devem ir resolvendo à medida que se apresentam, que não devemos deixar que os problemas cresçam, que precisamos de diálogo, de boa comunicação, de respeito, de humildade e, sobretudo, de muito amor. E é o que fazemos hoje para sermos felizes.

Outras leituras recomendadas são propostas no anexo 8.

4 – PERGUNTAS PARA ORIENTAR A REFLEXÃO EM CASAL

Fazemos festa para celebrar uma reconciliação?

Quando temos momentos de tristeza, conseguimos discernir o que lhes deu origem?

Consideramos o nosso cônjuge otimista e alegre?

Para nós, de onde provém a verdadeira alegria?

5 – A REUNIÃO DE EQUIPA

A. PÔR EM COMUM

Considerando que este capítulo convida a festejar o reencontro, desafiamos os casais a pôr em comum, tendo estado previamente de acordo, sobre alguma situação que envolva a alegria, dentro do casal ou da vida familiar.

B. TEMPO DE ORAÇÃO

LEITURA DA PALAVRA [Lc 15, 4-10]

«Qual é o homem dentre vós que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai à procura da que se tinha perdido, até a encontrar? Ao encontrá-la, põe-na alegremente aos ombros e, ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos e diz-lhes: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida.' Digo-vos Eu: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.»

«Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perde uma, não acende a candeia, não varre a casa e não procura cuidadosamente até a encontrar? E, ao encontrá-la, convoca as amigas e vizinhas e diz: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma perdida.' Digo-vos: Assim há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte.»

REFLEXÃO PESSOAL

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse, como nos interpela e como afeta as nossas vidas.

ORAÇÃO EM EQUIPA

Sugerimos que cada casal prepare uma pequena oração. Pode ser feita de acordo com as necessidades pessoais ou da comunidade, ou tomando uma parte do texto bíblico. A cada súplica que seja livremente feita responderemos: "Escuta Senhor a nossa oração".

C. PARTILHA

O conteúdo e o objetivo deste capítulo convidam-nos a realizar durante o mês um diálogo conjugal, acompanhado de oração pessoal e conjugal e, assim, obter regras de vida que nos ajudem a ser um casal alegre e feliz. Desafiamos os casais a serem generosos e a partilhar os seus sentimentos na reunião.

D. PERGUNTAS PARA A TROCA DE IMPRESSÕES SOBRE O TEMA DE ESTUDO

Como vivemos a alegria de uma reconciliação?

De que forma nos comprometemos com os frutos do Espírito Santo nas nossas vidas?

E. ORAÇÃO LITÚRGICA

SALMO 126 [1-6]

R/. O SENHOR fez por nós grandes coisas.

Quando o SENHOR mudou o destino de Sião, parecia-nos viver um sonho. A nossa boca encheu-se de sorrisos e a nossa língua de canções. R/.

Dizia-se, então, entre os pagãos: «O SENHOR fez por eles grandes coisas!» Sim, o SENHOR fez por nós grandes coisas; por isso, exultamos de alegria. R/.

Transforma, SENHOR, o nosso destino, como as chuvas transformam o deserto do Négueb. Aqueles que semeiam com lágrimas, vão recolher com alegria. R/.

À ida vão a chorar, carregando e lançando as sementes; no regresso cantam de alegria, transportando os feixes de espigas. R/.

F. ORAÇÕES FINAIS

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL**

MAGNIFICAT

ANEXO 8

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

Exortação Apostólica *Postsinodal Amoris Laetitia*. Sobre o Amor na Família. Papa Francisco 2016.

Henry Nouwen *“O Regresso do Filho Pródigo”*. Editor Apostolado da Oração. Coleção: Caminhos do Espírito. Edição: Maio de 2005.

Juan Luis Lorda *“Para ser Cristão”*. Rei dos Livros. Coleção 85 Éfeso.

CAPÍTULO 9

Reconciliação, sinal de amor

REUNIÃO DE BALANÇO

1 – OBJECTIVO

Fazer uma avaliação da equipa à luz deste tema de estudo, refletindo sobre cada um dos versículos da parábola e a sua influência nas nossas vidas, recolhendo os frutos do grande ensinamento do “Pai Misericordioso”, para que cada casal e equipa encontrem um caminho para imitar esse pai, reflexo do amor de Deus.

2 – INTRODUÇÃO

“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.» «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.» [Lc 6, 36-37].

Enquanto desenvolvíamos este tema os nossos sentimentos iam-se aproximando mais da experiência vivida pelo filho mais novo e, em algumas reflexões, da atitude demonstrada pelo filho mais velho. Mas o mais difícil foi identificarmo-nos com o pai e a sua atitude principal, a misericórdia.

No fim da vida e dos nossos tempos seremos julgados pelo amor e pela misericórdia que demos. A parábola do filho pródigo leva-nos a tirar conclusões quanto à grandeza do Pai Misericordioso e ao convite a deixarmos de ser como o filho mais novo, hedonistas, ou o filho mais velho, soberbos, para nos convertermos de pecadores perdoados em cristãos misericordiosos, como foi o pai para com os filhos “Perdoa as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.” [Mt 6, 12].

O apelo que esta parábola faz é que nos convertamos no pai que ama, perdoa, acolhe e devolve a dignidade perdida. Somos imagem de Deus na terra e é-nos pedido que sejamos santos como o Nosso Deus Pai é Santo [Mt 5, 48]. Esta santificação só é alcançada amando, “misericordiano”¹, a partir de um coração convertido que experimentou a proximidade do Pai.

O convite que Jesus faz aos pecadores, representados tanto pelo filho mais novo como pelo filho mais velho, é o de converter os seus corações ao amor e à misericórdia.

¹ Papa Francisco

O tema de estudo que fomos analisando ao longo deste ano mostra-nos que misericórdia e amor são inseparáveis. Deus manifesta-nos continuamente o seu amor, mostrando-nos a sua infinita misericórdia². Isto está muito claramente expresso no capítulo 4 do livro do Padre Manuel Iceta, “Amor, quem és tu?": “O amor é a capacidade de lidar com as misérias do outro... Os sentimentos e sensações que são despertados ao descobrir as feridas e as debilidades do outro poderiam resumir-se numa palavra: misericórdia”.

MEDITAÇÃO

“Encontrando-se Jesus à mesa em casa de Mateus, numerosos cobradores de impostos e outros pecadores vieram e sentaram-se com Ele e seus discípulos. Os fariseus, vendo isto, diziam aos discípulos: «Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?» Jesus ouviu-os e respondeu-lhes: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.»” [Mt 9, 10-13].

Depois da leitura da Palavra, recomendamos uns minutos de silêncio para a meditarmos e, depois, partilhar livremente o que o Senhor nos disse. Cada casal pode fazer uma oração de suplica, de agradecimento e ou de louvor.

ESCU TA DA PALAVRA

A palavra do apóstolo Mateus relata-nos o que acontece logo a seguir à sua própria conversão ao aceitar o chamamento de Jesus para o seguir. Podemos dizer que é o exemplo de um dia da vida pública de Jesus: acolhendo e reunindo-se com os “excluídos”, com os “diferentes”, evangelizando em cada instante com a sua Palavra e, sobretudo, com o seu agir. Jesus Cristo é sinal de contradição para os partidários do “status quo” e para com os que se contentam com o cumprimento da lei e com a sua própria interpretação. Jesus realiza a sua atividade com uma missão muito clara: converter os pecadores e levá-los para o Pai.

Se somos cristãos é porque somos seguidores de Jesus, fizemos nossa a sua Palavra, o seu Evangelho, e procuramos viver de acordo com a sua mensagem. Somos chamados a dar testemunho com as nossas ações, a misericórdia e o amor que Ele nos ofereceu em primeiro lugar. Pode revelar-se demasiado difícil tornarmos este caminho a realidade de todos os dias, mas, precisamente

¹ Ef 2, 4

por ser um caminho, que para nós é Jesus, estamos comprometidos a percorrê-lo ao seu lado, toda a vida; o importante será exercitar o amar o próximo tal como Ele nos amou [Jo 13, 34].

3 – DOCUMENTO DE REFLEXÃO

DA HOMILIA DO PADRE CAFFAREL SOBRE A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

«E, enchendo-se de compaixão».

A compaixão, o que é? A melhor definição de compaixão não a encontro no meu dicionário, mas numa carta de Madame de Sévigné à filha, que estava com uma bronquite: “Minha filha, dói-me o seu peito”. É isto a compaixão. Dói-me a dor do outro. E ao Pai dói-lhe a dor do filho e Cristo quer-nos fazer compreender que ao Deus todo-poderoso, que ao Pai das Misericórdias lhe doem as dores do seu filho pecador. Porque, aos olhos de Deus, o pecador é, antes de mais, alguém que está ferido. É um filho que se magoou e isso é-lhe insuportável. Doem-lhe as dores do seu filho.

Esse rapaz cheira a porcos e vamos dar-lhe a melhor túnica do nosso armário. Isto não é razoável. Mas o amor não é razoável. É para nos falar do Pai do Céu quando acolhe um pecador.

Penso, tenho a certeza, que o filho mais novo está perturbado. Nunca teria suspeitado que o pai o amava; são precisos estes acontecimentos para que ele descubra a que ponto é amado. É nesse dia que ele tem a verdadeira revelação do amor. E é mesmo essa a nossa história; será no dia em que estivermos diante do Senhor com o nosso pobre pecado que Deus nos perdoa. É a grandeza do sacramento da reconciliação... Quando já vimos pessoas perturbadas por não ousarem acreditar que, depois de pecados terríveis, voltam a ser filhos muito amados, compreendemos qual terá sido a reação do rapaz. Ele descobre o amor do pai, o inimaginável amor do pai. Daí resulta que ele nunca se tenha sentido tão íntimo, nunca se tenha sentido tão próximo do pai.

Para terminar, gostaria de chamar a atenção para o facto de tanto o filho mais velho como o filho mais novo, que têm sentimentos medíocres, que são pecadores, cada um à sua maneira, cometeram, entre outros, o mesmo pecado. Um e outro têm uma noção medíocre do amor do pai. E isso, é um pecado grave. Compreendi isso um dia ao abrir a porta do meu escritório em Paris e me encontro perante uma mulher que tive dificuldade em reconhecer, de tal forma o seu rosto estava desfigurado pela dor. Ela entra, sentando-se num cadeirão à minha frente. Foi talvez a única vez na minha vida que vi alguém de

quem se podia dizer: tinha um nó na garganta, não conseguia falar. Então mostra-me uma carta que tirou da mala de mão. Olho para a carta, vejo a assinatura, Hélène, que era a da filha, e leio-a: 'Mãe, quando encontrares esta carta no meu quarto, será meia-noite, talvez duas da manhã, ficas a saber que nessa altura já estarei no fundo do canal. Cometi um pecado imperdoável. Adeus, mãe.'

E esta mulher estava transtornada. E o que a transtornava, deu-me a compreender, eu sozinho nunca teria adivinhado: 'Sabe, Padre, quando penso que Hélène tinha uma noção tão limitada do meu coração, ao ponto de imaginar que, aos meus olhos, poderia haver um pecado imperdoável e que um dia eu lhe fecharia a minha porta e o meu coração'. Era isto que transtornava essa mulher.

Pois bem, penso que é um dos pecados mais graves que podemos cometer aos olhos de Deus, ter uma ideia limitada do seu coração. O mais novo tem uma ideia limitada do coração do pai, mas mesmo assim pensou que o pai o aceitaria como servo. O mais velho não ousava pedir um cabrito, tinha uma ideia limitada do coração do pai.

Ter uma ideia limitada do coração de Deus, é o que ofende o coração de Deus. Ter uma ideia ampla do coração de Deus em todas as circunstâncias da nossa vida, por muito medíocres, muito pecadores que possamos ser, então isso glorifica a Deus. E temos de nos perguntar de vez em quando: será que tenho uma ideia ampla do coração de Deus, do seu amor paternal para comigo? É isto que Cristo nos quer fazer compreender hoje de manhã. E ele espera que cada um de nós, depois de reler esta parábola, possa comungar do seu maravilhamento diante do inimaginável amor do seu Pai. E penso que não pode haver maior alegria para Cristo e maior alegria para o Pai do que ver crescer no nosso coração uma ideia muito ampla do amor paternal.

4 – PERGUNTAS PARA A REUNIÃO DE BALANÇO, EM CASAL E EM EQUIPA

Convidamos-vos a fazerem um dever de se sentar, primeiro em casal e depois em equipa, tendo em vista avaliar o caminho percorrido ao longo deste ano à luz deste tema de estudo e da participação nas atividades próprias da Vida da Equipa e do Movimento.

Peçamos ao Espírito Santo que abra os nossos corações e as nossas mentes para que, olhando para trás, possamos tomar decisões quanto a viver mais profundamente o nosso matrimónio como sacramento e quanto ao nosso caminho futuro como equipa.

Nesta parte queremos enfatizar, que tal como nos vem sendo pedido pelo nosso Movimento, temos de dar seguimento à nossa missão dentro da Igreja, para a qual Jesus e Maria, nossa Mãe, nos prepararam com muito amor:

1. Se aprendemos a aceitar o outro, aceitamos com amor a liberdade que os outros têm para tomar as suas próprias decisões, inclusivamente para se enganarem?
2. Se estamos conscientes dos dons recebidos, fazemos uso da ajuda mútua para pôr esses dons ao serviço da equipa, dos casais e da Igreja?
3. Se temos fé no poder da oração pessoal, conjugal e em equipa, sobretudo em tempos de crise, como a temos praticado e como se manifestou o poder da oração? Rezamos pelos casais? O que fazemos com a fé?
4. Se consideramos que um dos pontos concretos de esforço mais difíceis de praticar é o diálogo conjugal ou o dever de se sentar, estabelecemos metas claras, preparamo-nos para o fazer como deve ser e obtemos os frutos esperados? Colocamos a nós próprios, como casal, regras de vida na sequência do diálogo conjugal que nos permitam cumprir a nossa missão?
5. Se reconhecemos que fomos perdoados por Deus e aprendemos a pedir perdão e a perdoar, somos capazes de levar esta mensagem de misericórdia a todas as pessoas e casais que atravessam dificuldades?
6. Estamos realmente convencidos de que não há amor sem misericórdia?
7. O que significou para nós, como casal e como equipistas, a leitura deste tema de estudo?

5 – ORAÇÃO FINAL

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Ó Virgem Santíssima, Vós que apareceste repetidas vezes às crianças, também eu Vos quero ver, ouvir a Vossa voz e dizer: minha Mãe levai-me ao céu. Confio no Vosso amor, peço-Vos que seguindo o Vosso Filho Jesus Cristo, tenha uma fé viva, inteligência para O conhecer e amar, paciência e graça para O servir e servir os meus irmãos, e um dia poder unir-me a Vós aí no Céu. Amén.

**PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS,
HENRI CAFFAREL**

MAGNIFICAT

ANEXOS

O FILHO PRÓDIGO

Padre Henri Caffarel

Vou comentar-vos, pausadamente, uma página do Evangelho que conhecem muito bem. É que o Evangelho deve ser sempre lido como se fosse a primeira vez. Há sempre surpresas reservadas.

Esta é a página conhecida como sendo a parábola do Filho Pródigo. Seria talvez melhor ser designada como “A parábola de generosidade do Pai”, “da misericórdia do Pai”. E gosto de ler esta página sob esta perspectiva. É Cristo que nos revela o que pensa do Pai. Tirando partido de todos os recursos da sua imaginação, uma vez que tem uma imaginação extraordinária, Cristo recorre a todo o seu engenho, aos seus dons de contador, para nos dizer o que Ihe é mais querido.

Vamos procurar, ao ler esta parábola versículo a versículo, não divergir deste ponto de vista. Que permaneça interiormente em nós esta oração: “Senhor, faz com que compreenda um pouco, que veja um pouco da tua admiração e do teu amor ao Pai”.

É preciso termos a certeza de que Jesus Cristo está no meio de nós e que está ansioso por que estejamos abertos a confiar plenamente n’Ele.

“E Jesus disse: «Um homem tinha dois filhos»”. Eles teriam de certeza menos de dezoito anos, já que regra geral os judeus se casavam o mais tardar aos dezoito anos, e «O mais novo disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde’». Era um procedimento habitual. Era possível fazer doações entre pessoas vivas: o mais velho tinha direito a 2/3 e ficava encarregado da casa, de cuidar da mãe e das irmãs e irmãos, sendo que o mais novo tinha direito a 1/3. Só que normalmente o pai doava a propriedade mas ficava com os rendimentos para si. E os filhos já não podiam dispor do capital.

«Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde». Ele espera que o pai vá aceder a dar-lhe mais do que era costume, ou seja, que Ihe permita dispor da fortuna, da sua parte da herança. Pode dizer-se que foi um pedido pouco cortês, diria mesmo insolente para com o pai, porque estava descaradamente a dizer-lhe que queria a liberdade e deixar de estar dependente. Mas o pai não protesta, partilha com eles os seus bens.

Ao longo desta página, irão constatar que Cristo é muito breve, vai ao essencial, sem literaturas, sem eloquência, diz apenas o que é necessário.

«Poucos dias depois» –isto parece contradizer o que acabo de vos dizer– (se Cristo nos diz dessa forma é para nos fazer entrever a psicologia do filho; Cristo não usa uma linguagem abstrata; para falar para todos, tanto os mais simples como os mais sábios, fala de uma forma concreta e todos compreendemos que pretende dizer que está impaciente por conquistar a independência em poucos dias). Ah sim! porque essa dependência do pai é pesada para ele. Ele quer ser livre.

Talvez «venda casas, campos, gado», constituindo um bom pecúlio; juntando tudo, o filho mais novo parte. É jovem, tem boa aparência, tem nos calcanhares as asas da liberdade e os quilómetros sucedem-se. Como é rico, aloja-se num hotel durante a noite, volta a partir na manhã seguinte, parece-lhe que a felicidade cresce à medida que os quilómetros se multiplicam, que aumenta a distância entre a casa paterna e ele. Enfim livre!

«Partiu para uma terra longínqua». Porquê para uma terra longínqua? Poderia ter ido para a vila ao lado ou para a cidade próxima. Mas não. Está impaciente por uma independência total. Na vila ao lado, o irmão teria vindo pregar-lhe um sermão.

«E por lá esbanjou tudo quanto possuía», vivendo luxuosamente. Rapaz de boas famílias, com muito dinheiro, rapidamente arranja amigos, muitos amigos, é assim quando há muito dinheiro. Organiza bailes, festas, banquetes, torna-se como que um rei da juventude nessa terra longínqua. Tem pelo menos a qualidade de ser generoso. Não é avarento. Pode registrar-se isto a seu favor, já que tem muitas outras coisas a seu desfavor. Vive luxuosamente.

Mas como gastou tudo em algumas semanas, em alguns meses delapidou a fortuna na alegria da liberdade. Sem quaisquer restrições! Tendo gasto tudo, nessa terra sobreveio uma fome severa. E ele começou a ter privações. As pessoas dessa terra viviam recorrendo às suas reservas, mas ele não tinha quaisquer reservas. O que faz ele? Não nos é difícil imaginar. Vai bater à porta dos seus alegres companheiros e há uma porta que se entreabre. Reconhecem-no, sabem que já não tem dinheiro. Acabou-se o dinheiro, acabaram-se os amigos. E a porta fecha-se. Uma vez, duas vezes, três vezes, se bem se lembra. Mas, apesar de tudo, tem de comer. Tendo batido às portas de todos os amigos, não lhe resta senão um recurso: sendo um homem do campo, ir pedir trabalho nos arredores mais próximos e prestar serviços à jorna, como um criado, como um assalariado.

Tendo partido, deixando a cidade para ir para o campo, ficou dependente de um cidadão dessas terras e o nosso rapaz, tão orgulhoso da sua independência, ele, o menino de família, fica reduzido às tarefas mais humildes. E essa pessoa, que certamente não precisaria assim tanto de mais um trabalhador, talvez se tenha compadecido dele e envia-o para os campos para guardar porcos. Aqui, mais uma vez, faço uma referência à sobriedade da narrativa de Cristo. Este é um detalhe sem grande interesse. Tomar conta dos porcos... Por que não das cabras? Por que não das ovelhas? Por que não dos cordeiros? Há aqui, mais uma vez, uma intencionalidade de Cristo. É preciso saber que, para os Judeus, o porco era o animal impuro. Não se comia carne de porco. Assim, ficar limitado a guardar os porcos era a máxima abjeção. Já ser pastor seria uma grande desgraça, porque aos pastores judeus não lhes era possível praticar a lei, nomeadamente a lei do sábado. Porque mesmo ao sábado os animais precisam de beber e de comer. Ou seja, se ser pastor já corresponde a estar numa posição inferior, ser guardião de porcos torna a situação muito mais gravosa! Cristo pretende mostrar-nos que essa independência tão desejada acaba por levar à mais odiosa das escravaturas.

O Evangelho continua. «Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam». Reparem na franqueza com que Cristo fala – recorro a reação de uma mãe de família que aqui esteve numa semana de oração e que me dizia: ‘Sabe, Padre, tem toda a razão em mostrar-nos que Cristo não tem falsos pudores; eu, quando estava num colégio interno de freiras, era-nos sobretudo proibido dizer que nos doía a barriga, tínhamos de dizer: tenho dores por baixo do avental.’ Mas Cristo é muito mais livre nas palavras que usa, não se envergonha.

«Desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam». Nem sequer tem direito à comida dos porcos. Chegou ao ponto de ele, o menino de família, ter ciúmes dos porcos. É evidente que não ousava mergulhar o braço na pocilga para tirar as alfarrobas, era-lhe repugnante. Pedia as alfarrobas ao patrão, que não lhes dava. Que os porcos ficassem grandes e gordos era, de facto, a grande ambição do patrão. Que o assalariado fosse magro como um raio de uma roda de bicicleta não o incomodava minimamente. Não dava alfarrobas ao seu assalariado.

«Caindo em si». É um caminho que ele nunca tinha seguido, vivia na periferia de si mesmo, no nível corporal, no nível afetivo, mas nunca tinha atingido essa clareza do coração; esse trilho estava demasiado emaranhado para conseguir atingir o fundo do seu ser. Mas eis que, na sua miséria, se expõe e reentra em si mesmo.

E disse para si: «Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome?»

Mesmo assim ficamos um pouco admirados que a recordação da casa da família, que talvez nunca se lhe tivesse apresentado ao longo das semanas e dos meses, seja antes de mais a lembrança dos colaboradores do pai, da abundância em que vivia, em vez da tristeza desse pai que tinha visto o filho partir de uma forma um tanto ou quanto insolente.

Pois bem, sim, Cristo quer mostrar-nos um rapaz que regressa à casa paterna, que também tem melhores sentimentos, mas quer mostrar-nos um rapaz cujo arrependimento é apenas medíocre.

Durante algum tempo, perguntava ao Senhor, ao ler esta página: mas, Senhor, porque nos dás o exemplo de um pecador com uma contrição medíocre? Porque, em abono da verdade, é sobretudo porque tem fome que encara o regresso. E Cristo disse-me (não pensem que eu tenha visões ou revelações), fez-me compreender: “Se eu tivesse apresentado um rapaz que, ao pensar na tristeza do pai, chorava todas as lágrimas que tinha no coração, imaginas o que se teria passado? Ao ler esta página, os que não são capazes de uma verdadeira contrição dos seus pecados, fechariam o Evangelho dizendo: ‘Isto não é para mim, não sou capaz de chorar até às lágrimas pelos meus defeitos, pelas minhas falhas, pelos meus pecados.’ Pois bem, como queria mesmo era que todo o pecador fosse até ao fim da minha parábola, apresentei apenas o necessário: um pecador, que começa por ser guiado pelos seus interesses, mas que, mesmo assim, tem alguma contrição.”

«Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti». Veem, portanto, que há aqui uma certa tentativa de contrição. Mas a motivação profunda é mais interesseira. «Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros». Ele diz para si próprio: ‘O meu pai é um homem bom, é verdade que não lhe posso pedir o impossível, retomar o meu lugar de filho lá em casa, mas ele não vai recusar tratar-me como um dos seus assalariados.’ Este rapaz é um primário, no sentido atribuído pelos caracterologistas, isto é, alguém que mal acaba de pensar numa coisa a põe em prática. Tendo pensado nisso, levanta-se, pega no cajado e mesmo num alforje – não tenho a certeza – deixa os porcos e põe-se a caminho

«E, levantando-se». O rapaz tem isto a seu favor, ele não desespéra, não se deixa ir abaixo. Há nele um potencial. Foi ter com o pai, sim, é fácil dizer que foi ter com o pai. Ao fim de alguns quilómetros já não pode mais, não come nada há dez dias, deita-se numa vala, retoma a estrada, apoiando-se no cajado. Mas, muito brevemente está outra vez esgotado, nem sequer está provado que à

noite tenha conseguido encontrar um celeiro para dormir sobre o feno. Nem se consegue provar que lhe tenham dado uma côdea de pão. Não fazia a mínima ideia que tinha percorrido tantos quilómetros entre a casa da família e a terra longínqua onde tinha ido parar. Ah! É que quando partiu tinha as asas da liberdade nos calcanhares para se dirigir a essa terra longínqua mas, no regresso, tem o estômago nos calcanhares, o que faz toda a diferença. Questiona-se se alguma vez chegará à casa paterna.

«E, levantando-se, foi ter com o pai».

É o fim do primeiro painel deste tríptico, porque esta parábola é um tríptico. A intenção deste primeiro painel era mostrar-nos a miséria deste filho, mas Cristo, ao mostrar-nos a miséria deste filho, quer que tomemos consciência de que o pecado é precisamente dedicarmo-nos à miséria. No pecado, que pode ter aparências gloriosas no início, sacode-se a dependência de Deus, pretende-se conquistar a própria liberdade, não se consegue suportar o jugo, não se está disposto a depender de Deus, apenas de querer depender de si mesmo. Quantos dos nossos contemporâneos estão nesta situação! E é isso que os afasta de Deus! Pois bem! desligar-se de Deus é dedicar-se à miséria! E era isso que Cristo ali nos pretendia mostrar! Mas quer mostrar-nos também que não está tudo perdido! E é isso que vamos ver no segundo painel do tríptico.

O personagem principal do segundo painel já não será o rapaz, será o pai. E é aí que Cristo vai pôr em prática todos os recursos da sua imaginação e do seu coração, é aí que vai tentar fazer-nos descobrir qualquer coisa nesse pai admirável.

«Quando ainda estava longe, o pai viu-o».

Penso que, talvez numa primeira versão da parábola, pois presumivelmente Cristo trabalhou longamente as suas parábolas, não terá chegado logo no início à perfeição de uma parábola, pois os grandes escritores frequentemente escreveram versões sucessivas, sendo muito interessante comparar as versões de um Flaubert ou de um Chateaubriand.

Não me espantaria que, numa primeira versão, Cristo tenha representado o filho a chegar a casa, a bater à porta, o pai a abri-la, encontrando-se pai e filho cara a cara.

Renunciou a essa apresentação porque assim não sublinhava suficientemente qualquer coisa que ele pretende dizer-nos, fazer-nos compreender, porque é essencial.

«Quando ainda estava longe, o pai viu-o». Isto deixa-nos compreender que o pai, desde há muitos meses, ia todos os dias até à beira da estrada, de onde se podia ver todo o vale e perscrutar o horizonte, sempre na esperança de ver uma pequena silhueta à distância. E todos os dias, ao cair da noite, ele regressa a casa.

É para nos falar do Deus todo-poderoso que Cristo nos mostra este Pai que todos os dias espia o horizonte esperando ver voltar o filho, o filho perdido.

«Quando ainda estava longe, o pai viu-o».

Essa pequena silhueta no horizonte não teria sido reconhecida por outra pessoa. Mas, como alguém disse: O amor é a faculdade de adivinhar. Imediatamente, o Pai, sem hesitar, disse: 'Aquele é o meu filho. Essa pequena silhueta titubeante no horizonte, titubeante não porque tenha bebido demais, coitado do rapaz, mas porque está esgotado de fadiga, é o meu filho'.

«E, enchendo-se de compaixão».

A compaixão, o que é? A melhor definição da compaixão não a encontro no meu dicionário, mas numa carta de Madame de Sévigné à filha, que estava com uma bronquite: "Minha filha, dói-me o seu peito". É isto a compaixão. Dói-me a dor do outro. E ao Pai dói-lhe a dor do filho e Cristo quer-nos fazer compreender que ao Deus todo-poderoso, que ao Pai das Misericórdias lhe doem as dores do seu filho pecador. Porque, aos olhos de Deus, o pecador é, antes de mais, alguém que está ferido. É um filho que se magoou e isso é-lhe insuportável. Doem-lhe as dores do seu filho.

«E, enchendo-se de compaixão».

«E correu».

Somos assim surpreendidos e os que escutavam Jesus não podem deixar de ter ficado surpreendidos porque, para os Judeus, um pai que corria era totalmente insólito. Era renunciar à dignidade. Tem-se depois vontade de lhe dizer: Não esqueças a tua idade! Arriskas-te a ter um enfarte! Ainda por cima não é pedagógico! Espera por ele! Pois sim, talvez não seja pedagógico! Não é razoável! Talvez. Mas o amor nunca é razoável!

«E correu». O pai corre. É para nos fazer compreender a ternura de Deus Pai para com um pobre, um lamentável pecador. «E correu».

Encontrei no meu arquivo de uma semana de oração anterior esta pequena folha de papel. Era de uma mãe de família que participava no retiro e que me comunicava esta reflexão do seu filho pequeno, que se chama Benoît e tem quatro anos e meio. É um grande exegeta que, como irão ver nesta página, diz

o que nenhum exegeta foi capaz de descobrir por si mesmo. 'Quando lhe contei pela primeira vez a parábola do filho pródigo (este garoto de quatro anos e meio é um afortunado por ouvir comentar esta parábola) ao chegar ao momento em que o pai corre ao encontro do filho, ele disse-me: 'Mãe, tenho a certeza de que ele disse: não quero ouvi falar dos disparates que fizeste'. É extraordinário! Ah, que exegeta encontrou uma coisa assim? Isto fez-me refletir. Eu compreendo.

Portanto, correndo chega junto do filho. Eu, no lugar do pai, admitindo que teria corrido, com as mãos nas ancas ter-lhe-ia dito: 'Então, então!' Desenganem-se! Lançou-se-lhe ao pescoço, como se fosse ele quem tivesse de pedir perdão ao filho. «Lançar-se-lhe ao pescoço» é para nos falar do Deus todo-poderoso em relação ao pobre pecador. E cobriu-o de beijos. O coitado do rapaz não esperava nada disto, fica totalmente surpreendido.

Devem pensar que tudo isto talvez sejam as ideias originais do Padre Caffarel. Não são de todo. Esteve aqui em Troussures, no decorrer de uma semana de oração, uma senhora -já foi há bastante tempo, terá sido em 1972- que regressava de Nazaré, onde tinha escutado a homilia de Monsenhor RAYA, à data o bispo de Nazaré, certamente um palestiano. E ela veio ver-me para me dizer: 'Mas Monsenhor RAYA pensa exatamente da mesma forma que o Senhor.' Eu disse-lhe: 'Talvez seja antes eu que pense como ele.' 'Sabe, tomei notas do que ele nos disse durante essa homilia e em especial no que se refere ao filho pródigo. Quer que as leia para si?' 'Com certeza.' E descobri que não me tinha enganado na minha interpretação.

'Para nós, orientais, o filho pródigo é uma história estúpida. Parece que Cristo fez troça de nós, da mentalidade oriental; para nós, orientais, um pai que desce à rua para receber um filho que vem de longe, jamais. Um pai, mesmo que o filho regresse de França com um magnífico diploma, que deixa a família e a toda aldeia orgulhosas, nunca descerá à rua para o receber. Se há assim tanta excitação, ele irá até à janela para ver. Mas quando o filho entrar em casa, o pai estará sentado na sua cadeira. E 'muito bem, sê bem-vindo'. O filho beija então a mão do pai e pede-lhe a bênção. O pai pode então beijá-lo. Mas o pai correr ao encontro do filho, nem pensar, é uma loucura. Isto não é concebível para nós. Talvez para uma mãe. Ela correrá na rua para receber o seu rapaz. O pai, nunca'.

O que quer dizer que Cristo fez observações bastante insólitas. E que surpreenderam, que poderão mesmo ter escandalizado os que o escutavam, mas não o lamenta. Ai está uma forma de Cristo nos fazer descobrir o inimaginável amor do Pai do Céu, o incrível amor do pai do Céu, o escandaloso amor do Pai do Céu.

E o Evangelho continua: «Mas o pai disse aos seus servos».

Sim, mas procuremos completar as passagens que faltam. O pai e o filho retomam o caminho e dirigem-se para casa. E nos campos que rodeiam a casa veem os servos e o pai chama-os. Quando chegam ao pé deles, os servos, que provavelmente não reconhecem este rapaz, este rapaz muito magro, que cheira mal, que pode parecer um vagabundo do mais baixo nível, ouvem o pai dizer-lhes para irem buscar uma túnica. Era assim que se acolhiam os hóspedes e os hóspedes de categoria, para os honrar. Era de resto muito agradável para o viajante, que tinha as suas roupas transpiradas e cheias de pó, ter uma túnica fresca, vestir uma túnica muito fresca e muito limpa. Mas ia-me esquecendo de um advérbio. Atenção!

Antes disso, o pai tinha dito aos servos: depressa! Não vos diz nada, este depressa? A mim, recorda-me o que já vimos no início. Poucos dias depois, o filho mais novo partiu, estava impaciente por conquistar a sua independência. Esse advérbio mostra-nos um pai impaciente – não digo que fosse por recuperar o filho, esta seria uma expressão desagradável – impaciente por ver o filho retomar o lugar na família. E é por isso que é preciso que os servos tragam uma túnica. E prestem atenção ao qualificativo, não deixemos escapar nenhuma palavra, nenhum qualificativo. ‘A melhor túnica’. Penso que os servos devem ter ficado muito admirados, desconcertados e diziam para si próprios: ‘Se calhar isto é mesmo um desperdício. Esse rapaz cheira a porcos e vamos dar-lhe a melhor túnica do nosso armário. Isto não é razoável.’ Mas o amor não é razoável. É para nos falar do Pai do Céu quando acolhe um pecador.

«Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha». O mais surpreendido acaba por ser o filho, que verdadeiramente não esperava nada disto.

«Dai-lhe um anel para o dedo». Mas o anel, atenção, não é um anel como esses que muitos de vocês usam. É o cunho, o selo que era usado para assinar os atos. E os servos não se enganam. E pensam: ‘O velho já não sabe o que faz. O vagabundo é capaz de vender a casa, os estábulos, os campos e o velho vai dormir sobre a palha, tal como nós. Não é mesmo nada razoável colocar o anel neste filho transviado.’

... «Dai-lhe um anel para o dedo». Pois bem! O Senhor Jesus Cristo, apenas nos quer fazer compreender qualquer coisa: perdoar é devolver toda a confiança. É o que Cristo fará com S. Pedro. Quando lhe perdoou, entregou-lhe a Igreja. “Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas”.

«Dai-lhe um anel para o dedo».

E o Pai que está também atento ao menor detalhe, é também para nos falar do Pai todo-poderoso.

“Vejam os seus pobres pés”. «Dai-lhe sandálias para os pés», não as sandálias usadas pelos servos, mas os sapatos usados pelos patrões. «Dai-lhe sandálias para os pés», esses pobres pés ensanguentados e cobertos de pó.

Os servos vão partir. O pai retém-nos. E sobretudo depois: «Trazei o vitelo gordo». Isto a nós não nos diz nada, leitores do século vinte e cidadãos, o vitelo gordo. Mas é preciso saber que, numa quinta na Palestina, o vitelo gordo era um personagem importante, cuidadosamente tratado para a próxima grande festa, por exemplo, o casamento do filho mais velho. Então aí, os servos têm a sensação de um sacrilégio. Matar o vitelo gordo para aquele rapaz?

«Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos».

Mas afinal qual é a ideia de fazer uma festa? O pai vai convidar tocadores de flauta e de tamborim, o pai vai oferecer um grande banquete, mas não nos menosprezemos. A festa não são apenas as festividades exteriores; a festa, essa acontece no coração do pai. É porque há uma festa no seu coração que ele quer que toda a casa festeje e todos os outros rejubilem com ele. E isto é para nos falar de Deus ao acolher um pecador. ‘Há mais alegria no céu por um pecador que regressa’, dizia Cristo numa outra página.

«Vamos fazer um banquete e alegrarmo-nos».

Penso, tenho a certeza, que o filho mais novo está perturbado. Nunca teria suspeitado que o pai o amava; são precisos estes acontecimentos para que ele descubra a que ponto é amado. É nesse dia que ele tem a verdadeira revelação do amor. E é mesmo essa a nossa história; será no dia em que estivermos diante do Senhor com o nosso pobre pecado que Deus nos perdoa. É a grandeza do sacramento da reconciliação. Quando se é sacerdote, quando se confessou ao longo de 56 anos, quando já vimos pessoas perturbadas por não ousarem acreditar que, depois de pecados terríveis, voltam a ser filhos muito amados, compreendemos qual terá sido a reação do rapaz. Ele descobre o amor do pai, o inimaginável amor do pai. Daí resulta que ele nunca se tenha sentido tão íntimo, nunca se tenha sentido tão próximo do pai.

Um rabino, diz-se, conta esta história à sua congregação: quer fazê-los compreender que, pelo pecado, o homem corta o fio que o liga a Deus. Mas quando o homem se arrepende e volta para Deus, então Deus pega nas duas pontas do fio e dá um nó para religar o pecador com ele; mas, ao dar o nó, o fio fica mais curto. Assim, o pecador fica mais perto de Deus depois do pecado do que antes. E, se se cometeram vários pecados, penso que será então uma corda cheia de nós que nos liga a Deus. É lógico. E como os servos estão totalmente desorientados, o pai dá-lhes uma explicação: porque este meu filho estava morto e reviveu... Gostaríamos de dizer ao Senhor que é um tanto enfático dizer ‘estava

morto', 'estava morto'... sim, na verdade não estava em bom estado. Mas daí a considerá-lo como morto! Mas é como se Cristo esquecesse o simbolismo e a parábola para nos falar da realidade. Porque, de facto, um pecador é um morto. Um corpo sem alma é um cadáver, mas um corpo e uma alma sem o Espírito Santo é um morto, é um cadáver espiritual. Ele estava perdido, foi reencontrado e começaram a festejar.

Terceiro painel da nossa parábola:

Durante muito tempo não lhe atribuí grande importância: era quase como que um aperitivo. Gostaria que a parábola tivesse terminado aí.

E, no entanto, agora atribuo imensa importância a este terceiro painel. É porque nos vai mostrar a atitude de Deus para com os justos, isto é, para com os que não pecam muito e também para com os fariseus.

«Ora, o filho mais velho estava no campo» e, no regresso, depois de ter trabalhado arduamente, coloca as ferramentas ao ombro e dirige-se para casa e, à medida que ao regressar se aproxima de casa, parece-lhe ouvir música e danças. Não há outras casas nas proximidades para além da casa da família. Não é possível! Avança, mas é mesmo isso que está a acontecer. Música e danças. Perturba-se-lhe então o coração. O que é isto? Chama um dos servos, certamente um dos servos que teria acabado de sair da sala do festim talvez para procurar uma acha ou uma garrafa atrás da pilha de lenha, e pergunta-lhe o que se está a passar. É preciso ter em conta que este servo não é um grande psicólogo, não frequentou a Escola Nacional de Administração, não é grande diplomata e responde de chofre: 'sabes, «o teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo (eu não devia ter contado isto) porque ele chegou são e salvo»'. E o filho mais velho ficou furioso. Jurou que não voltava para casa. Aqui o Evangelho não nos diz nada, mas é preciso acrescentar as palavras que faltam. O servo voltou para dentro de casa, foi ter com o pai, inclinou-se para lhe falar ao ouvido e disse-lhe: 'Sabes, o teu filho mais velho é verdadeiramente o mais velho.' Na sua alegria, o pai tinha-se esquecido que havia um filho mais velho. Pois bem, o que é que se passa? Não quer voltar para casa, está furioso. Eu, se estivesse no lugar do pai teria dito: 'Olha, tu vais procurá-lo e dizer-lhe que se tem ciúmes, como se fosse um garoto de doze anos, o que tem a fazer é ficar onde está.' Mas o nosso Pai não é assim. E saiu de casa. Suplicou-lhe então, o que não é realmente razoável, mas o amor não é razoável. E suplicou a esse filho de mau humor, a esse filho furioso que respondeu ao pai: 'O quê? «Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua»'. Não era uma pessoa qualquer, este filho mais velho. Sendo o verdadeiro justo, o homem virtuoso, «nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos».

E eis que se torna agressivo para com o pai. Mas «agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes» - não sabe nada do que se passou, mas não se arrepende de humilhar o irmão - e de resto diz-lhe: 'O teu filho', não diz: 'O meu irmão'. Não quer ter nada em comum com aquele rapaz. 'Quando ele regressou, para ele «mataste-lhe o vitelo gordo»'. E então o pai, quase que insultado pelo filho, respondeu-lhe: «Meu filho»; é a expressão que a Virgem Maria usou quando encontrou Jesus no templo. É assim que ele se dirige a esse filho mais velho que o insulta e que não mostra nenhuma contrição, mas que tem por ele uma devoção amarga, acre.

«Filho, tu estás sempre comigo». Tem uma certa candura este pai, como se fosse o cúmulo da felicidade para um filho estar sempre com o pai. Cristo quer falar-nos dessa felicidade dos homens poderem estar sempre junto a Deus, de partilharem a vida de Deus.

«Tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu». Aí está uma coisa de que ele nunca teria suspeitado. É para nos falar de Deus, da relação de Deus com os homens, de Deus que quer que saibamos que ele pretende oferecer-nos todas as suas riquezas. «Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado».

E ficamos com a sensação de que o filho mais velho permanece na sua atitude amarga, hostil. E acabou-se a história.

Não, a história não se acabou.

Há ainda o ponto final. Quando se medita uma página do Evangelho é preciso meditar nos pontos e este simples ponto diz-nos muita coisa.

Na continuação da história, o que aconteceu ao filho mais velho? Entrou na sala do festim? Não sabemos. A parábola está truncada, mutilada, mas faz todo o sentido. E, para compreender este ponto final, é preciso pensar que entre os que O escutavam não havia apenas pessoas de bem. Todos esses homens e mulheres que escutavam Jesus com tanta alegria pareciam pessoas muito simples, pessoas do povo, mas havia também escribas, fariseus, envoltos na sua dignidade virtuosa, que procuravam apanhar falhas em Jesus, que não lhe perdoavam a impiedade, uma vez que Jesus era considerado um ímpio porque se ia sentar à mesa dos pecadores.

E uma história assim apenas poderia fazê-los reagir violentamente.

Jesus dirige-se a eles. Mas se há um ponto final é porque não se sabe, as sortes não foram lançadas. Jesus quer deixar-lhes todas as hipóteses. O filho mais velho representa os fariseus e Jesus não decide se o filho mais velho voltou para a festa ou ficou do lado de fora.

E, no entanto, sabemos a história! Os fariseus não voltaram a entrar na sala da festa.

Para terminar, gostaria de chamar a atenção para o facto de tanto o filho mais velho como o filho mais novo, que têm sentimentos medíocres, que são pecadores, cada um à sua maneira, cometeram, entre outros, o mesmo pecado. Um e outro têm uma noção medíocre do amor do pai. E isso, é um pecado grave. Compreendi isso um dia ao abrir a porta do meu escritório em Paris e me encontro perante uma mulher que tive dificuldade em reconhecer, de tal forma o seu rosto estava desfigurado pela dor. Ela entra, sentando-se num cadeirão à minha frente. Foi talvez a única vez na minha vida que vi alguém de quem se podia dizer: tinha um nó na garganta, não conseguia falar. Então mostra-me uma carta que tirou da mala de mão. Olho para a carta, vejo a assinatura, Hélène, que era a da filha, e leio-a: 'Mãe, quando encontrares esta carta no meu quarto, será meia-noite, talvez duas da manhã, ficas a saber que nessa altura já estarei no fundo do canal. Cometi um pecado imperdoável. Adeus, mãe.'

E esta mulher estava transtornada. E o que a transtornava, deu-me a compreender, eu sozinho nunca teria adivinhado: 'Sabe, Padre, quando penso que Hélène tinha uma noção tão limitada do meu coração, ao ponto de imaginar que, aos meus olhos, poderia haver um pecado imperdoável e que um dia eu lhe fecharia a minha porta e o meu coração'. Era isto que transtornava essa mulher.

Pois bem, penso que é um dos pecados mais graves que podemos cometer aos olhos de Deus, ter uma ideia limitada do seu coração. O mais novo tem uma ideia limitada do coração do pai, mas mesmo assim pensou que o pai o aceitaria como servo. O mais velho não ousava pedir um cabrito, tinha uma ideia limitada do coração do pai.

Ter uma ideia limitada do coração de Deus, é o que ofende o coração de Deus. Ter uma ideia ampla do coração de Deus em todas as circunstâncias da nossa vida, por muito medíocres, muito pecadores que possamos ser, então isso glorifica a Deus. E temos de nos perguntar de vez em quando: será que tenho uma ideia ampla do coração de Deus, do seu amor paternal para comigo?

É isto que Cristo nos quer fazer compreender hoje de manhã. E ele espera que cada um de nós, depois de reler esta parábola, possa comungar do seu emalvamento diante do inimaginável amor do seu Pai. E penso que não pode haver maior alegria para Cristo e maior alegria para o Pai do que ver crescer no nosso coração uma ideia muito ampla do amor paternal.

ROTEIRO DA REUNIÃO MENSAL

1. REFEIÇÃO

Iniciada com uma pequena oração simples e vivida em espírito de entreatura.

2. ORAÇÃO

- a. Invocação do Espírito Santo;
- b. Leitura e Escuta da Palavra de Deus;
- c. Oração Pessoal;
- d. Intenções.

3. PARTILHA ESPIRITUAL

Testemunho sobre a vivência dos **Pontos Concretos de Esforço** tendo em vista as **Atitudes de Vida**.

É bom fazer também neste ponto uma reflexão sobre a **vida em Equipa**.

4. PÔR EM COMUM

Pomos em comum a nossa vida, partilhamos com os outros casais a nossa vida pessoal, conjugal, familiar, profissional, os compromissos... numa perspectiva de entreatura e caridade.

5. TEMA DE ESTUDO

Aprofundamos juntos a nossa fé, tendo sido previamente preparado em casal e enviado ao casal responsável da equipa para a reunião preparatória.

6. MAGNIFICAT



INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do vosso amor.
Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

R. E renovareis a face da terra.

Oremos: Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas,
segundo o mesmo Espírito,
e gozemos sempre da Sua consolação.
Por Cristo, Senhor Nosso.

R. Amen.

ORAÇÃO DA PARTILHA

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida,
recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de Vós
e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar,
concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos.

Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e
falhas, pedindo perdão a todos;
ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade,
para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.

Neste momento também queremos lembrar e pedir pelos casais
que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa,
e que isso faça crescer a nossa responsabilidade.

Ámen.

MÍSTICA DA PARTILHA E DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO (PCE)

- Oração Pessoal
- Palavra de Deus
- Oração Conjugal/Familiar
- Regra de Vida
- Dever de se Sentar
- Retiro
- Tema de Estudo

AS TRÊS ATITUDES

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência do encontro e da comunhão

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS *HENRI CAFFAREL*

Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho
e o inspirou a falar d'Ele.
Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação
de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".
Ele entusiasmou os esposos para a grandeza
do Sacramento do Matrimónio que significa o mistério de unidade
e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.
Mostrou que Padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.
Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.
Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.
Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.
Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós Te pedimos que
apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito. Deus, nosso Pai, nós
invocamos o Padre Caffarel...

(Indicar a graça a pedir)

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!

Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre.

Ámen.



FICHA TÉCNICA

*Tema de estudo preparado pela Equipa Responsável Internacional
Traduzido por: Fátima e António Moitinho.*

Impressão:

*Propriedade e Administração: ENS - Equipas de Nossa Senhora
Movimento de Espiritualidade Conjugal*

*Avenida de Roma 96, 4.º esquerdo
1700-352 LISBOA*

*Telefone: 216 097 677
Telemóvel: 925 826 364*

*E-mail: ens@ens.pt
Site: www.ens.pt*

